



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

WILLIAN FERNANDES GARCIA

**A BATALHA DA PRAÇA DA SÉ DE 1934 NO IDEÁRIO INTEGRALISTA: AS
MANIFESTAÇÕES PÚBLICAS DO MOVIMENTO, A IMPRENSA E AS ELEIÇÕES DE
1938.**

Londrina
2011

WILLIAN FERNANDES GARCIA

**A BATALHA DA PRAÇA DA SÉ DE 1934 NO IDEÁRIO INTEGRALISTA: AS
MANIFESTAÇÕES PÚBLICAS DO MOVIMENTO, A IMPRENSA E AS ELEIÇÕES DE
1938.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de graduação
Licenciatura em História, da Universidade
Estadual de Londrina, como pré-requisito
para conclusão de curso.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Isabel A. Bilhão

Londrina
2011

WILLIAN FERNANDES GARCIA

**A BATALHA DA PRAÇA DA SÉ DE 1934 NO IDEÁRIO INTEGRALISTA: AS
MANIFESTAÇÕES PÚBLICAS DO MOVIMENTO, A IMPRENSA E AS ELEIÇÕES DE
1938.**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de graduação
Licenciatura em História, da Universidade
Estadual de Londrina, como pré-requisito
para conclusão de curso.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Isabel A. Bilhão Orientadora
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. Jozimar Paes de Almeida
Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. Marco Antonio Neves Soares
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, ____ de ____ de ____.

AGRADECIMENTO (S)

Em primeiro lugar agradeço a Deus pela minha vida e por todas as coisas maravilhosas que já me deu.

Em segundo lugar, mas não menos importante agradeço a meus pais e meu irmão pela vida que me proporcionaram, pela educação que me deram e ainda por tornar possível de diversas formas a realização deste grande objetivo de minha vida.

Agradeço a todos os professores que colaboraram grandemente com sua experiência e sabedoria nestes quatro anos de curso.

Agradeço especialmente a minha orientadora, Isabel Bilhão, por ter me acolhido e tão bem recebido como orientadora e por sua grande contribuição a este trabalho, que sem dúvidas não seria o mesmo sem seus conselhos.

E por fim, agradeço a todos os meus colegas de sala por todos estes quatro anos me fazendo companhia e deixando sem dúvidas o curso muito menos complicado e até divertido em certos momentos.

A todos o meu Muito Obrigado!

GARCIA, Willian Fernandes. **A Batalha da Praça da Sé de 1934 no Ideário Integralista**: As manifestações públicas do Movimento, a imprensa e as eleições de 1938. 2011. 63 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Licenciatura em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

RESUMO

Este trabalho visa analisar os usos políticos e apropriações de conteúdo Anticomunista feitos pela Ação Integralista Brasileira no período em que estavam envolvidos em campanha para as eleições que supostamente aconteceriam em janeiro de 1938. É um estudo sobre o Movimento Integralista no Brasil, com sua temática voltada para o estudo do Anticomunismo presente na ideologia do movimento, simbolizado neste trabalho pela emblemática Batalha da Praça da Sé de 1934. Pretende-se compreender as motivações de tamanha utilização deste evento naquele momento através da análise de fontes integralistas e da contextualização historiográfica do período.

Palavras-chave: Integralismo. Apropriação. Brasil.

GARCIA, Willian Fernandes. **The Battle of Cathedral Square, 1934 in the Integral Ideology**: The public manifestations of the Movement, the press and the elections of 1938. 2011. 63 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Licenciatura em História) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2011.

ABSTRACT

This work aims to analyze the political uses of content and appropriations made by the Anti-Communist Action in Brazilian Integralist period when they were in the election campaign that supposedly happened in January 1938. It is a study of the integral movement in Brazil, with its theme dedicated to the study of Anti-Communism in the ideology of this movement, symbolized in this paper by the famous Battle of Cathedral Square, 1934. Objective is to understand the motivations of such use at the time of this event by analyzing the full source and the historiographical context of the period.

Key words: Integralism. Appropriation. Brazil.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	Pág.07
CAPÍTULO I – A EMERGENCIA DO FASCISMO PELO MUNDO E O CASO DO BRASIL	Pág.22
1.1 A RADICALIZAÇÃO DA POLÍTICA PELO MUNDO: O AUTORITARISMO E A EMERGENCIA DO FASCISMO NO ENTRE GUERRAS	Pág.22
1.2 O BRASIL NO CONTEXTO MUNDIAL: A ERA VARGAS	Pág.27
1.3 O DECISIVO ANO 1937: ENTRE AS ELEIÇÕES PREVISTAS PARA JANEIRO DE 1938 E O GOLPE QUE IMPLANTOU O ESTADO NOVO NO PAÍS	Pág.32
CAPÍTULO II – OS USOS POLÍTICOS DA BATALHA DA PRAÇA DA SÉ, DE 1934, PARA AS ELEIÇÕES DE 1938: AS APROPRIAÇÕES NO MOMENTO DA CAMPANHA ELEITORAL DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA	Pág.35
2.1 AS MANIFESTAÇÕES PÚBLICAS INTEGRALISTAS	Pág.35
2.2 A BATALHA DA PRAÇA DA SÉ E A VISÃO INTEGRALISTA	Pág.38
2.3 A BATALHA DA PRAÇA DA SÉ DE 1934, A IMPRENSA INTEGRALISTA E AS ELEIÇÕES DE 1938	Pág.43
CONSIDERAÇÕES FINAIS	Pág.53
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS	Pág.56
ANEXOS	Pág.58

INTRODUÇÃO

No dia sete de outubro de 1934 na Praça da Sé em São Paulo, ocorreu um fato importante para a história do Movimento Integralista no Brasil. Os Integralistas haviam organizado uma grande concentração no local, para aquele domingo, dia sete de outubro. A concentração de militantes do movimento e conseqüentes desfiles eram prática comum entre eles, segundo Cavalari, estas celebrações compunham uma estratégia muito eficaz de unificação e coesão do movimento.¹

Esta era uma das três principais celebrações integralistas que foram criadas, segundo a autora, com essa finalidade. Aquela, em especial, seria para comemorar o segundo aniversário do manifesto integralista publicado no mesmo dia sete de outubro, em 1932. Segundo o jornal paulista Folha da Noite, enquanto se desenrolava a celebração integralista, estes foram surpreendidos por um grupo de militantes comunistas e dentro de pouco tempo o conflito estava em curso.² É importante destacar que confrontos envolvendo Comunistas e Integralistas não foram raros nos anos em que a Ação Integralista Brasileira esteve atuante, os dois grupos pareciam fazer questão de resolver suas diferenças políticas no corpo a corpo.

O fato destacado anteriormente será mais desenvolvido em todos os seus aspectos durante o desenrolar deste trabalho, ele apenas foi exposto logo de início, pois é a partir deste fato que surge a problemática que será estudada. O Integralismo é um tema que possui várias possibilidades interpretativas, mas como em toda pesquisa histórica é necessário a realização do recorte de um objeto em específico para ser estudado. Neste trabalho pretendo me ater aos usos políticos que os integralistas fizeram do fato destacado acima, pensando na campanha eleitoral que estava prevista para o ano de 1938, pretendo responder a seguinte questão: como os integralistas se apropriaram do confronto ocorrido em 1934, no momento em que estavam envolvidos na campanha eleitoral de 1938? A intenção da pesquisa é buscar responder, por meio da análise de fontes integralistas como a revista Anauê e o jornal Acção, de São Paulo, como esse confronto apareceria no momento em que os integralistas estavam em campanha eleitoral. Pois, como

¹ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.p.181.

² FOLHA da Noite, *on-line*. São Paulo. Oito de outubro de 1934.

veremos posteriormente, muitos outros discursos estavam presentes na apropriação deste confronto.

Tendo em vista que se pode considerar a base dos integrantes do Movimento Integralista como sendo, em grande parte, oriundos da classe média. Também se pode pensar sobre o alcance do discurso anticomunista, fundamental na ideologia Integralista e também muito presente na utilização política e ideológica do confronto de 1934, visando, num momento eleitoral, angariar mais adeptos e conseqüentemente mais votos, tendo em vista certo temor das classes médias urbanas em relação ao comunismo, que era visto como uma ameaça a seus interesses.³

Para compreendermos melhor o Integralismo é necessário conhecermos o contexto histórico internacional do momento de seu surgimento, afinal de contas os fascismos não nasceram no Brasil. Havia certas condições de produção destas correntes políticas que são originárias da Europa do período entre Guerras. Posteriormente, estas idéias acabaram se espalhando pelo mundo e chegando ao Brasil. Os anos 1930 foram particularmente peculiares, pois uma série de conjecturas internacionais acabou resultando numa bipolarização das idéias políticas ao longo deste período, a Revolução Russa e o marxismo trouxeram para aquele momento histórico o comunismo e as idéias da esquerda que em não muito tempo se espalharam por todo o mundo e começaram a influenciar o pensamento político, e no Brasil não foi diferente.

O fim da Primeira Guerra mundial e as sucessivas crises econômicas e políticas que se seguiram são o contexto de difusão desse pensamento. A Guerra não teve apenas o custo de muitas vidas, ao todo foram um total de cerca de nove milhões de mortos e 21 milhões de feridos, ela teve também um custo muito alto do ponto de vista econômico, 331 bilhões de dólares aproximadamente.⁴ Além disso, para uma Guerra deste porte, os países envolvidos tiveram que se adaptar a uma economia de guerra e, com o fim do conflito, houve grande dificuldade em readaptar a economia de produção bélica para a normalidade, situação agravada pela necessidade de realocar os soldados que voltavam da Guerra no mercado de trabalho. Tudo isso gerou uma grande crise, principalmente nos países de economia mais frágil como Itália e Alemanha. Essa crise durou até meados dos anos 1920, a

³ TRINDADE, Hégio. Integralismo. O Fascismo Brasileiro na década de 30. São Paulo/ Rio de Janeiro, DIFEL, 1979. p.129-160.

⁴ BERTONHA, João Fabio. Fascismo, Nazismo, Integralismo. São Paulo, SP: Editora Ática. 2006, p.7.

partir daí se viu um breve período de crescimento, embalado pela necessidade de reconstrução desses países, crescimento esse no qual os Estados Unidos foram os que mais usufruíram de uma relativa prosperidade. Mas, logo no fim da década, uma grande crise de superprodução irrompeu nos EUA e se alastrou para todo o mundo levando-o novamente a uma grande depressão econômica.⁵

Este período de instabilidade econômica com altos e baixos, durante a década de 1920 e início da década de 1930 foi decisivo para o surgimento do Fascismo. Devido a uma grave crise social gerada pela crise econômica, milhares de famílias no mundo todo ficaram desempregadas e passando fome. Da maneira como as coisas iam é possível compreender a crise política que se seguiu, as pessoas estavam cansadas dos modelos políticos que não conseguiam resolver os seus problemas econômicos e sociais. As principais críticas recaíram sobre o liberalismo econômico, teoria que acreditava que o Estado não devia influenciar a economia, deixando-a livre para resolver seus problemas. Como era evidente a falência deste sistema, que não conseguia resolver os problemas das pessoas, começaram então a ganhar corpo as novas idéias e novas políticas que diziam conseguir resolver os problemas que estavam postos. A resposta das correntes esquerdistas foi o Comunismo e a resposta das correntes de direita foi o Fascismo.

Como resposta a esse problema, as elites burguesas de maneira alguma voltariam seu pensamento político para o Socialismo ou o Comunismo que visavam simplesmente acabar com tudo o que eles haviam conquistado ao longo de gerações. Dessa forma, foram ganhando espaço, por quase todo o mundo capitalista, correntes políticas de caráter mais autoritário, conservador e centralizador do ponto de vista do pensamento político e econômico. É nesse contexto que começaram a aparecer, por alguns países europeus, e posteriormente em outros lugares também, inclusive no Brasil, como veremos, líderes autoritários e carismáticos que conquistavam as populações com discursos conservadores, ufanistas e aglutinadores, no que diz respeito à formação de grupos unidos a uma causa comum. Estes discursos pareciam à burguesia da época um caminho melhor do que o Comunista. São esses, entre outros, os motivos pelos quais se deu a proliferação das idéias autoritárias e totalitárias em tão larga escala naquele

⁵ Idem, p. 7-10.

momento, o financiamento destes líderes e seus grupos pelas elites capitalistas foi sem dúvida fundamental.⁶

No Brasil não foi diferente, a década de 1920 foi bastante conturbada muitas transformações estavam ocorrendo no país. A industrialização estava em crescimento e a organização operária se fortalecia aos poucos na luta por direitos e por melhores condições de vida. A criação do Partido Comunista ocorre nesse contexto de crescimento industrial e urbanização, trazendo à cena mais atores políticos que agora estavam mais próximos de onde as decisões eram tomadas.

A crise econômica mundial também chegou ao Brasil naquele momento, afetando significativamente o poderio econômico dos dois principais estados da federação, São Paulo e Minas Gerais, que inclusive comandavam a política nacional, conhecida como política do “café-com-leite” dessa maneira, o sistema eleitoral da Primeira República já não comportava mais os anseios da sociedade brasileira, levando-se em conta ainda a onda nacionalista que chegou ao Brasil, inicialmente através dos intelectuais e artistas que promoveram a Semana de Arte Moderna, movimento que buscava valorizar a identidade nacional Brasileira.⁷

Dessa maneira, como aconteceu em vários locais do mundo, no Brasil não foi diferente a crise do liberalismo, que resultou da crise econômica, minou o poder das velhas oligarquias dominantes e agora novos atores políticos queriam o poder no Brasil, uma vez o antigo sistema não correspondia mais as necessidades daquele momento, portanto, era necessário um governo forte, mais centralizador e que resolvesse os problemas da crise econômica e social. Assim, Vargas assumiu o poder em 1930 por meio de um golpe de Estado apoiado por vários grupos políticos da época e de diferentes correntes ideológicas.

Segundo os autores Marcos Chor Maio e Rooney Cytrynowicz, o Integralismo deve ser visto em meio a este contexto, de debate em torno da problemática da formação de um Estado Nacional Brasileiro, que estava ocorrendo entre as décadas de 1920 e 1930. O debate era levado adiante naquele momento tanto pelos intelectuais, quanto pelo movimento modernista, mas também pelas classes políticas que começavam a formular seus projetos de nação para o Brasil. É nesse âmbito que se encontra o Integralismo, que é um projeto de nação para o Brasil, muito atual

⁶ Ibid, p.7-10

⁷ Ibid, p.59-63.

para sua época inclusive, pois tinha como base ideológica as experiências européias Fascistas. Mas como ressalta Héglio Trindade,

Não pretendemos afirmar que o integralismo tenha sido exclusivamente fruto de um mimetismo ideológico (a tradição do pensamento político autoritário brasileiro contribuiu também decisivamente para a formação da doutrina), mas a influência do fascismo europeu foi, sem dúvida, crucial na configuração da A.I.B. enquanto movimento político.⁸

Ou seja, embora de clara inspiração Fascista é um projeto de nação para a realidade do Brasil e que contempla, em sua estrutura ideológica, o modernismo e o nacionalismo.⁹

Ao estudar a história do Brasil após o golpe de 1930 e os 15 anos de governo Vargas que o sucederam, é inevitável não pensar nas influências das conjunturas externas, principalmente européia, no âmbito do pensamento político e ideológico, do que estava acontecendo no Brasil. A emergência de regimes autoritários, totalitários e nacionalistas de direita por toda a Europa iria também influenciar as idéias de determinados grupos no Brasil. É dessa maneira que o estudo sobre o Integralismo se faz particularmente importante, pois este movimento reflete as influências do pensamento político e ideológico europeu no Brasil nesse período. O Integralismo é, pelo menos no campo simbólico, como defendem alguns autores, uma apropriação brasileira dos regimes nacionalistas europeus, do fascismo Italiano principalmente. Para Rogério Souza Silva, para exemplificar:

A Ação Integralista Brasileira (AIB), movimento político que agiu no Brasil de 1932 a 1937, procurou usar todos os recursos do imaginário histórico brasileiro somado ao clima nacional e internacional da década de 1930 para criar seu projeto de poder. Com uma retórica nacionalista o movimento tinha em Plínio Salgado o seu líder. Uma parte significativa de suas simbologias era um abasileiramento das que Benito Mussolini e Adolf Hitler estavam utilizando.¹⁰

Assim, a fim de se estudar este movimento nacionalista brasileiro é preciso situá-lo em seu momento histórico de maior atividade, ou seja, naquele em que a Ação Integralista Brasileira (AIB) esteve atuante, entre os anos de 1932, com a sua fundação, e 1938 com a sua desarticulação.

⁸ TRINDADE, Idem. p.278.

⁹ MAIO, M. C. & CYTRYNOWICZ R Ação integralista brasileira: um movimento fascista no Brasil, In: FERREIRA, J & DELGADO, L. de A. N. (org.) O Brasil republicano – o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 47-51.

¹⁰ SILVA, S. Rogério. A Política como espetáculo: a reinvenção da história brasileira e a consolidação dos discursos e das imagens integralistas na revista Anauê. Revista Brasileira de História, outubro de 2005.p.68.

O Integralismo não é um tema novo na historiografia Brasileira, as primeiras obras que tratam do assunto remontam ao final da década de 1970 e, de lá pra cá, várias outras obras foram escritas. Como com diversos outros temas em história, com o Integralismo há uma multiplicidade de perspectivas, de visões e abordagens no que se refere à sua análise. Mesmo tendo consciência da existência de diversos trabalhos que procuram entender o integralismo de forma diferente da qual pretendo trabalhá-lo, posso dizer que o viés que escolhi a partir da bibliografia é hoje em dia quase consenso na historiografia. Refiro-me à visão analítica do Integralismo enquanto um movimento de inspiração fascista, principalmente Italiana, que se desenvolveu a partir da realidade nacional brasileira. Os autores estudados entendem, em sua maioria, o Integralismo dessa forma. Alguns, como no caso de Helgio Trindade, o pioneiro sobre o tema, focam sua análise no conteúdo ideológico da AIB, assim como alguns outros, como Marcos Chor Maio e Roney Cytrynowicz¹¹, além de Fabio Bertonha¹².

Outros autores como Rogério Souza e Silva¹³ e Rosa Maria Feiteiro Cavallari¹⁴, embora compartilhem da mesma visão quanto às inspirações ideológicas da AIB, analisam outras problemáticas como a questão das celebrações integralistas e principalmente o uso da imprensa pelos integralistas, o que faz destes autores consideravelmente importantes para esta pesquisa, pois suas fontes são os periódicos Integralistas.

Dessa maneira, não tenho a pretensão de fazer algo completamente novo sobre o tema, apenas objetivo contribuir com uma análise sobre uma problemática no interior do Integralismo ainda pouco citada. Penso que o estudo de apropriações e usos do passado por determinados grupos são sempre relevantes para a compreensão política do período e acredito na importância do estudo da AIB, pois, como lembra Trindade: “o fato de ter sido a Ação Integralista Brasileira o primeiro partido político brasileiro com implantação nacional e reunindo cerca de meio milhão de aderentes, demonstra por si mesmo, a importância crucial de que se reveste o seu estudo para a compreensão da vida política brasileira no período posterior à revolução de 1930.”¹⁵

¹¹ MAIO, M. C. & CYTRYNOWICZ, Op. Cit.

¹² BERTONHA, Op. Cit.

¹³ SILVA, Op. Cit.

¹⁴ CAVALARI, Op. Cit.

¹⁵ TRINDADE, Idem, p.1.

Por meio deste trabalho pretendo esclarecer como os integralistas se utilizaram de um determinado fato para construir sua campanha eleitoral e, é claro, também para difundir a sua ideologia. Quanto ao conceito de ideologia cabe ao menos uma breve explicação. Para Marilena Chauí; “Um dos traços fundamentais da ideologia, consiste, justamente em tomar as idéias como independentes da realidade histórica e social, de modo a fazer com que tais idéias expliquem aquela realidade que torna compreensíveis as idéias elaboradas”¹⁶. Ou seja, as idéias “são, na verdade, expressões dessas condições reais, porém de modo invertido e dissimulado. Com tais idéias pretende-se explicar a realidade, sem se perceber que são elas que precisam ser explicadas pela realidade”¹⁷. Portanto;

A ideologia é um ‘fato’ social justamente porque é *produzida* pelas relações sociais, possui razões muito determinadas para surgir e se conservar, não sendo um amontoado de idéias falsas que prejudicam a ciência, mas certa maneira de produção das idéias pela sociedade, ou melhor, por formas históricas determinadas das relações sociais.¹⁸

Para responder ao problema proposto, foi necessário estudar uma vasta bibliografia sobre o tema. Os primeiros trabalhos de caráter acadêmico sobre o assunto datam da década de 1970. Dentre eles destacam-se os de Helgio Trindade, *Integralismo: O fascismo brasileiro na década de 30*¹⁹; Marilena Chauí, *Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira*; Gilberto Vasconcelos, *A Ideologia Curupira - Análise do discurso integralista*; e José Chasin, *O Integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hipertardio*.²⁰

O estudo de Helgio Trindade foi particularmente importante para a realização deste trabalho, pois ele estudou o movimento Integralista por completo. Concordo, portanto, com a opinião de Edgar Bruno Franke Serrato, para quem

Sem dúvida, o trabalho de Trindade foi o mais importante e completo realizado neste “momento”, pois o autor situa a AIB dentro do contexto social, cultural, político e econômico nacional, analisa sua ideologia e a compara com as demais experiências fascistas européias, traça um retrato sociológico das lideranças e dos militantes do movimento, bem como a sua dinâmica

¹⁶ CHAÚÍ, Marilena de Souza. *O que é ideologia?* São Paulo: Abril Cultural\Brasiliense, 1984, p.10-11.

¹⁷ Idem, p. 16-17.

¹⁸ IBID, p. 31.

¹⁹ TRINDADE, Op. Cit.

²⁰ CHAÚÍ, M. “Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira”, In: CHAÚÍ, M & FRANCO, M. S. C. *Ideologia e mobilização popular*, Rio de Janeiro: CEDEC/Paz e Terra, 1978. VACONCELLOS, G. *A ideologia curupira: análise do discurso integralista*, São Paulo: Brasiliense, 1977. CHASIN, J. *O Integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hipertardio*, São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

interna de organização. Temas como a origem social e as motivações de adesão ao movimento por parte dos militantes, também são abordados, com o intuito de se traçar um perfil do movimento como um todo.²¹

Dessa maneira, o seu estudo possibilitou uma visão geral muito completa e rica sobre o tema. Além deste livro, o autor escreveu, mais recentemente, alguns artigos muito interessantes sobre o assunto, dentre estes, também faz parte da minha bibliografia, o capítulo intitulado “Integralismo: teoria e práxis política nos anos 1930”, presente na coleção História Geral da Civilização Brasileira: o Brasil Republicano, de 1996.²² Neste texto, o autor defende seus princípios, pois ocorre que a sua análise, lançada no primeiro livro, promove um debate historiográfico com os outros três autores citados anteriormente. Em sua tese, Trindade vê o integralismo como um movimento de caráter fascista que ocorreu no Brasil.

Ao longo do seu texto, ele analisa o discurso integralista apontando suas principais características, fazendo uma análise das principais motivações que levaram os integrantes ao movimento e realizando um mapeamento das principais características simbólicas do movimento, em comparação com as experiências fascistas européias, principalmente a Italiana, afirmando ao final do texto que, embora não tenha como negar que foram incorporados ao discurso fascista da AIB elementos do contexto brasileiro, a AIB não deixa de ser um movimento fascista.

Dessa maneira, os outros três trabalhos citados foram desenvolvidos posteriormente ao de Trindade, fazem uma crítica a esta tese, cada autor vai buscar, em análises diferentes, dizer que o integralismo não foi um movimento fascista. Assim como nas pesquisas atuais sobre o tema a grande maioria das obras, primeiro que nem tratam mais especificamente sobre esta problemática, até porque quase todos os autores mais recentes confirmam a tese de Trindade, ou seja, a idéia de que o integralismo é um movimento fascista, como a mais viável.

Dessa forma, neste trabalho pretendo me valer muito deste trabalho e do de autores mais recentes que também vão por este viés. Os principais estudos que pretendo utilizar são os de Rosa Maria Feiteiro Cavalari, *Integralismo: ideologia e*

²¹ SERRATO, Edgar Bruno Franke. Estudos sobre o Integralismo e seus momentos. Associação Nacional de História – ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – 2007.

²² TRINDADE, H. Integralismo: teoria e práxis política nos anos 30, In: FAUSTO, B. (org.) História Geral da Civilização Brasileira - O Brasil republicano: sociedade e política (1930-1964), 6. ed., Rio de Janeiro: Bertrand, 1996.

organização de um movimento de massa no Brasil (1932-1937).²³ Trabalho este que assim como o de Trindade faz uma análise completa dos aspectos ideológicos do movimento integralista, observando suas principais características, aliás, para ela o Integralismo é também um movimento fascista, mas defende também a necessidade de serem consideradas suas características locais. Além disso, ela faz uma e análise sobre a organização e o funcionamento da AIB e um estudo sobre as celebrações e os aspectos simbólicos integralistas, que são para mim muito importantes, já que me proponho a analisar um fato que ocorreu durante uma celebração do movimento.

Além destes dois trabalhos, pretendo me utilizar de alguns outros autores, tais como Fabio Bertonha, “Sobre a Direita: Estudos sobre o fascismo, o nazismo e o integralismo”, um capítulo intitulado “Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil” de Marcos Chor Maio e Roney Cytrynowicz, publicado no segundo volume da coleção *O Brasil Republicano* e, por fim, um artigo do historiador Rogério Souza Silva, “A política como espetáculo: a reinvenção da história brasileira e a consolidação dos discursos e das imagens integralistas na revista *Anauê!*”²⁴

O livro de Fabio Bertonha trabalha também na perspectiva de ver o integralismo como um movimento fascista, ressaltando suas características brasileiras, mas é um livro particularmente interessante, pois o autor não trabalha só com o Integralismo ele analisa as outras duas principais experiências européias, o Fascismo Italiano e o Nazismo. Dessa forma, o nível da sua comparação entre os movimentos é muito aprofundado e ainda trata de temas variados sobre o Integralismo, o que o torna muito útil para esta pesquisa.

Já o artigo de Marcos Chor Maio e Roney Cytrynowicz é mais um que fornece uma base teórica não só, mas principalmente sobre o caráter fascista do movimento, sendo outro texto que segue a linha do trabalho de Trindade. O artigo do professor Rogério Souza Silva também compartilha desta visão sobre o movimento integralista, nele o autor trabalha diretamente com fontes da imprensa Integralista,

²³ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

²⁴ BERTONHA, João Fábio. *Sobre a Direita. Estudos sobre o fascismo, o nazismo e o integralismo*. Maringá, Eduem, 2008. MAIO, M. C. & CYTRYNOWICZ R. “Ação integralista brasileira: um movimento fascista no Brasil”, In: FERREIRA, J & DELGADO, L. de A. N. (org.) *O Brasil Republicano – o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. SILVA, S. Rogério. “A Política como espetáculo: a reinvenção da história brasileira e a consolidação dos discursos e das imagens integralistas na revista *Anauê!*”. *Revista Brasileira de História*, N. 50, VOL, 25. outubro de 2005.

que são as fontes desta pesquisa também, ou seja, ele faz uma análise, de outra problemática, mas de qualquer maneira utilizando a fonte que eu pretendo trabalhar, pelo menos uma delas, a revista *Anauê*. Estas serão as principais obras utilizadas no decorrer deste trabalho.

Com o referencial teórico-metodológico, também me deparei com uma quantidade significativa de posicionamentos diferentes. Levando-se em consideração que o tema da pesquisa é o integralismo, é necessário que se analise as relações de poder e cultura, nas quais este movimento estava inserido, e é para mim também muito importante tentar entender qual o papel das imagens e da imprensa em todo este contexto.

Como a base documental da pesquisa são revistas e jornais, fui procurar por este referencial com os autores que estou estudando que também trabalham com estas fontes de pesquisa. Assim, foram estes autores que me forneceram a base referencial da qual me utilizo para compreender, do ponto de vista metodológico, o que o meu material de pesquisa significa. Nesta perspectiva, o artigo de Rogério Souza e o livro de Maria Cavallari me foram muito úteis.²⁵

Pensando conceitualmente a questão da cultura e das relações de poder, devemos entender que cultura é uma construção dos homens, para Rogério Souza “as sociedades são envoltas por um conjunto de símbolos historicamente construídos pelos homens e introduzidos nas mentes das sucessivas gerações”. Este conjunto de símbolos é construído, pois os homens, segundo Hannah Arendt, “são seres condicionados: tudo aquilo com o qual eles entram em contato torna-se imediatamente uma condição de sua existência. O mundo no qual transcorre a *vita* ativa consiste em coisas produzidas pelas atividades humanas...”²⁶.

Dessa maneira, a tudo o que nos cerca damos uma significação, tudo se transforma em um conjunto de símbolos que vão sendo historicamente construídos por nós e passados de geração em geração e essa rede de símbolos é o que Geertz chama de “teia de significados”. Para compreendermos melhor estas teias de significados vamos pensar que nós homens somos, como disse Hannah Arendt, seres condicionados, ou seja, precisamos dar significado a tudo com o que entramos

²⁵ SILVA, S. Rogério. A Política como espetáculo: a reinvenção da história brasileira e a consolidação dos discursos e das imagens integralistas na revista *Anauê*. *Revista Brasileira de História*, outubro de 2005. CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru, SP: EDUSC, 1999.

²⁶ ARENDT, H. *A condição humana*. Trad. Roberto Raposo. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p.17.

em contato como condição de nossa existência. Assim, ao longo do tempo, construímos uma rede de significados, de símbolos. Mas segundo Geertz, nós estamos presos a esta rede, pois é ela que dá sentido ao mundo ao nosso redor, sendo condição de nossa existência. Esta rede de significados construída por nós é, para Geertz, a Cultura.²⁷

Tendo por base o que é cultura, temos agora que mudar o foco para como, dentro desta rede de significados, se constroem também historicamente as estruturas de poder. Neste caso vamos pensar como estas estruturas se constroem e se consolidam e como esta rede de símbolos influencia nessa consolidação. Para Rogério Souza, estes signos que estão enraizados na nossa vida cotidiana são utilizados por todas as formas de poder a fim de se legitimarem frente as mais diferentes sociedades que pretendem dominar. Para ele esta “ação também pode ser vista como uma teatralização, pois o poder precisa de um caráter cênico para que ele possa se consolidar” se apoiando em Georges Balandier²⁸; afirma:

Por trás de todas as formas de arranjo da sociedade e de organização dos poderes encontra-se, sempre presente, governando dos bastidores, a “teatrocracia”. Ela regula a vida cotidiana dos homens em coletividade. É o regime permanente que se impõe aos diversos regimes políticos, revogáveis, sucessivos. Vê-se que o poder precisa de instrumentos de representação teatral, não *pode viver separado deles*.

O autor completa:

O poder estabelecido unicamente sobre a força ou sobre a violência não controlada teria uma existência constantemente ameaçada; o poder exposto debaixo da iluminação exclusiva da razão teria pouca credibilidade. Ele não consegue manter-se nem pelo domínio brutal e nem pela justificação racional. Ele só se realiza e se conserva pela transposição, pela produção de imagens, pela manipulação de símbolos e sua organização em um quadro cerimonial.²⁹

Estas idéias permitem observar que o estudo do Integralismo exige a percepção do pesquisador de que um movimento político não surge do nada, ele é culturalmente construído e mais, que estas estruturas de poder, como as do Integralismo, só vão se consolidar se usufruírem deste conjunto de símbolos para se legitimar. E como observa Georges Balandier, este processo de teatralização do poder é fundamental para a consolidação e legitimação de toda a estrutura de poder,

²⁷ GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, s.d., p.4.

²⁸ BALANDIER, G. *O poder em cena*. Trad. Luiz Tupy Caldas de Moura. Brasília: Ed. UnB, 1982 (Coleção Pensamento Político), p.5.

²⁹ IDEM. p.7.

pois o este para se legitimar tem que criar uma raiz no passado, mesmo que artificial, como se, segundo Rogério Souza, estivesse predestinado a aparecer em um momento histórico ou a se perpetuar no comando de uma sociedade. Daí a ligação tão íntima entre cultura e poder.

Pensando nesta pesquisa, é fundamental analisar ainda como os integralistas se utilizaram de imagens e da imprensa para consolidar e promover o seu movimento, pois como a mostra a citação de Balandier, o poder só consegue se realizar e se manter, “pela produção de imagens, pela manipulação de símbolos e sua organização em um quadro cerimonial.” É justamente este o foco desta análise: as formas pelas quais os Integralistas se utilizaram da imprensa como meio da construção de imagens e da manipulação de símbolos, no caso o anticomunismo, para a mobilização de seus adeptos, em meio à campanha voltada para as eleições que ocorreriam em 1938. Uma vez que, ainda segundo Balandier, “o grande ator político comanda o real através do imaginário”.³⁰

No que diz respeito às fontes desta pesquisa, as revistas e os jornais integralista, o estudo de Maria Cavallari³¹ foi muito importante, pois estudando o seu trabalho percebi que a análise dos escritos da imprensa passa não apenas pela análise do texto em si e dos seus discursos, mas também pelo significado do que o próprio impresso significa. Para tal, as contribuições de Roger Chartier quanto a esta problemática são muito relevantes. Chartier aborda em perspectiva o estudo da história dos impressos e de seus usos como uma problemática relacionada à história cultural a qual ele define como sendo “uma história de objetos em sua materialidade, uma história de diferenças em suas práticas e da história das configurações dos dispositivos em suas variações”.³² Ou seja, é uma história na qual o importante no estudo dos impressos são estes enquanto “objetos em sua materialidade.” Ainda me apropriando das noções de Chartier, considero importante para uma melhor elucidação da função cultural dos jornais esta citação:

Contra a representação, elaborada pela própria literatura segundo a qual o texto existe em si, separado de toda sua materialidade, é preciso lembrar que não há texto fora do suporte que lhe permite ser lido (ou ouvido) e que não há

³⁰ BALANDIER, G. *O poder em cena*. Trad. Luiz Tupy Caldas de Moura. Brasília: Ed. UnB, 1982 (Coleção Pensamento Político), p.6.

³¹ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. *Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

³² CHARTIER, Roger. *O mundo como Representação*. In: *Estudos Avançados*, USP, São Paulo, 11 (5): p. 173-191, 1991. CHARTIER, Roger. Textos, impressos, leituras. In: *A História Cultural- entre praticas e representações*, p. 121-139.

compreensão de um escrito, qualquer que seja que não dependa das formas pelas quais atinge um leitor.³³

Ou seja, não basta ao analisar um impresso apenas observar o texto escrito em si, é necessário que o analisemos em sua materialidade, ou seja, o objeto produto de determinada cultura, como foi construído historicamente, temos que procurar entender porque foi construído e ainda qual seu significado e alcance na sociedade em que ele circula.

Nesse sentido, Chartier reforça que “(...) é necessário recordar vigorosamente que não existe nenhum texto fora do suporte que o dá a ler, que não há compreensão de um escrito, qualquer que seja ele, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor.”³⁴ Ainda pensando em como desenvolver metodologicamente a análise de impressos, Chartier diz que: “o estudo das impressões deve ser conduzido com atenção, porque examina um material em que a organização tipográfica traduz, claramente, uma intenção editorial e porque pode revelar a marca, no próprio objeto, das maneiras populares de ler.”³⁵ Portanto, não basta entender que um jornal é fruto de uma construção histórica cultural e o analisar apenas pelo texto em si, devemos também pensar que até a forma como o jornal foi escrito, o período de circulação, a tiragem, as cores, o número de páginas e a linguagem emprestada a este são também intencionais, possuem uma característica editorial.

Ainda com relação ao material de pesquisa utilizado neste trabalho, é preciso esclarecer sua procedência, sua possível abrangência entre os integralistas e como e porque eram importantes para a estrutura organizacional do movimento. A Ação Integralista Brasileira possuía uma estrutura organizacional que Héglio Trindade chama de modelo pré-estatal, ou seja, um modelo de estrutura do partido semelhante ao modelo de um estado. No caso, um estado ideal segundo eles mesmos, um estado compartimentado em uma estrutura organizacional hierárquica e autoritária, comandada pelo chefe supremo, o líder do movimento. Esta estrutura pré-estatal fazia parte do projeto de nação que os Integralistas tinham para o Brasil, caso chegassem ao poder.³⁶

³³ Idem, p. 121-139.

³⁴ IBID, p. 121-139.

³⁵ CHARTIER, Roger. *Do livro à leitura*. In: CHARTIER, Roger. *Práticas de Leitura*. Tradução: Cristiane Nascimento. São Paulo. Estação Liberdade, 1996.

³⁶ TRINDADE, Héglio. *Integralismo. O Fascismo Brasileiro na década de 30*. São Paulo/ Rio de Janeiro, DIFEL, 1979.p.171-188.

Em meio a esta estrutura foi criada a Secretaria Nacional de Imprensa e, posteriormente, mais alguns outros órgão que tinham o objetivo de cuidar do impresso integralista. O cuidado com o impresso era fundamental, pois segundo Cavallari, era nele que se popularizava o *corpus* teórico do Integralismo. Dessa maneira, o livro servia para desenvolver as teorias da doutrina Integralista e os jornais e revistas serviam para a doutrinação dos populares, serviam para simplificar as idéias dos teóricos do movimento e fazê-las chegar até seus integrantes, aproveitando-se do alcance dos periódicos integralistas que existiam por todo o país.³⁷

É nesse quadro que se inserem o jornal Acção de São Paulo e a Revista Anauê. O jornal Acção foi um impresso dos Integralistas Paulistas que começou a ser publicado no ano de 1936, com tiragem diária. Publicado em preto e branco e com uma linguagem popular, o jornal deixava claro sua função, doutrinação dos integralistas de São Paulo, utilizando-se de grandes imagens e com grande parte das matérias focando questões de caráter ideológico. A revista Anauê foi o principal veículo de comunicação entre os Integralistas, sua publicação iniciou-se em 1935. Imediatamente submetida ao chefe integralista, deixou claro sua importância para o partido. Era o expoente máximo de doutrinação do movimento. Os Integralistas a consideravam uma revista ilustrada que se utilizava de métodos modernos de configuração editorial, destacava-se a presença de muitas imagens nas quais se observa o caráter ideológico e de doutrinação do impresso.

Após esta breve descrição das fontes que serão utilizadas na pesquisa, é necessário dizer que este assunto será mais aprofundado no Segundo Capítulo deste trabalho quando estas fontes forem devidamente analisadas. Este trabalho foi organizado da seguinte maneira: No Primeiro Capítulo, será feita a contextualização histórica, sendo seu objetivo esclarecer as condições de produção do discurso integralista, analisando os aspectos globais que levaram o mundo do final da Primeira Guerra Mundial a um período de radicalização política, que culminou com o aparecimento de regimes autoritários e fascistas pela década de 1930. Além disso, se realizará uma breve contextualização do caso brasileiro, a fim de esclarecer as condições de produção do discurso Integralista, que não deve ser visto apenas como uma cópia dos fascismos europeus, apesar de suas fortes semelhanças, há

³⁷ CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937). Bauru, SP: EDUSC, 1999.p.79-84.

que se considerar as influências locais no processo de formação da doutrina Integralista. E, por último, deve-se contextualizar o período de atuação da AIB no Brasil, a “Era Vargas” e, principalmente, focar no decisivo ano de 1937, quando se desenvolveu a campanha eleitoral integralista da qual pretendo analisar algumas características no decorrer do trabalho.

O Segundo Capítulo começará com uma breve exposição sobre as ações da AIB durante seu período de atuação, 1932 a 1938, a partir de alguns comentários sobre suas manifestações. A isto se segue a resposta do problema exposto nesta introdução: Como os integralistas se apropriaram do confronto ocorrido em 1934, no momento em que estavam envolvidos na campanha eleitoral de 1938? A resposta virá juntamente com a análise das fontes, através de metodologia descrita nesta introdução.

CAPITULO 1- A EMERGÊNCIA DO FASCISMO E O CASO DO BRASIL.

Neste Capítulo pretendo contextualizar o desenvolvimento do pensamento político autoritário e, conseqüentemente, a emergência do Fascismo, no pós Primeira Guerra, enfatizando os motivos que levaram o mundo para este rumo político no entre Guerras. Além disso, se faz necessário, a fim de se estudar um caso específico de fascismo no Brasil, traçar um paralelo com os acontecimentos mundiais e o que estava ocorrendo no país, para que se possa compreender que também no Brasil neste período se desenvolveu o pensamento político autoritário e inclusive o fascismo, tendo como um dos exemplos o próprio Integralismo. Para além de todo este traçado do processo histórico que fez possível o surgimento do integralismo no Brasil, é necessária também uma breve contextualização da política Brasileira da década de 1930, e especialmente o ano de 1937 já que este é o momento no qual se desenvolverá a principal análise deste trabalho.

1.1 A RADICALIZAÇÃO DA POLÍTICA PELO MUNDO: O AUTORITARISMO E A EMERGÊNCIA DO FASCISMO NO ENTRE GUERRAS.

A Primeira Guerra mundial marcou para sempre a história do mundo e definiu uma nova era no início do século XX. Nunca antes se havia visto tamanho conflito armado envolvendo todas as partes do mundo e um número tão monstruoso de baixas, os horrores da guerra de trincheiras e a utilização de armas químicas marcariam profundamente o início do século.

Além disto, as conseqüências da Guerra se transformariam em fatos que marcariam para sempre a história dos homens. O historiador Eric Hobsbawm, ao escrever sobre o período entre Guerras, resume desta maneira:

Para esta sociedade as décadas que vão da eclosão da Primeira Guerra mundial aos resultados da Segunda foram a Era de Catástrofe. Durante quarenta anos, ela foi de calamidade. Houve ocasiões em que mesmo conservadores inteligentes não apostariam em sua sobrevivência. Ela foi abalada por duas guerras mundiais, seguidas por duas ondas de rebelião e revolução globais que levaram ao poder um sistema que se dizia a alternativa historicamente predestinada para a sociedade capitalista e burguesa e que foi adotado, primeiro em um sexto da superfície da Terra, e, após a Segunda Guerra Mundial, por um terço da população do globo. Os imensos impérios coloniais erguidos durante a Era dos Impérios foram abalados e ruíram em pó. Toda a história do imperialismo moderno tão firme e autoconfiante quando

da morte da rainha Vitória, da Grã-Bretanha, não duraria mais que o tempo de uma vida humana – digamos, a de Winston Churchill (1874-1965).

Mais ainda:

Uma crise econômica mundial de profundidade sem precedentes pôs de joelhos até mesmo as economias capitalistas mais fortes e pareceu reverter a criação de uma economia mundial única, feito bastante notável do capitalismo liberal do século XIX. Mesmo os EUA, a salvo de guerra e revolução, pareceram próximos do colapso. Enquanto a economia balançava, as instituições da democracia liberal praticamente desapareceram entre 1917 e 1942; restou apenas uma borda da Europa e partes da América do Norte e da Austrália. Enquanto isso avançava o Fascismo e seu corolário de movimentos e regimes autoritários.³⁸

Tamanho conflito dificilmente deixa impunes os países participantes, principalmente aqueles nos quais se travaram as batalhas propriamente ditas. Para uma guerra desse porte é necessário que algumas mudanças na estrutura econômica dos países envolvidos sejam feitas, talvez a principal seja a necessidade de converter a economia em economia de guerra, na qual todos os recursos sejam voltados para suprir suas demandas e ainda na qual a produção industrial do país se converta em produção bélica. Com o final da Guerra, além de se ter de reconverter a economia, este é um processo longo e demorado, pois não basta apenas voltar a produzir como antes, há também que, por exemplo, realocar toda a mão de obra que foi para a guerra, os soldados, e neste caso especificamente foi um número muito considerável. Há também, principalmente no caso dos estados onde se travou a guerra propriamente dita, que ficaram devastados, em ruínas, que reconstruir estes países, isso tudo acabou gerando uma série de graves crises econômicas e sociais, até porque quase todas as reservas financeiras destes países haviam sido consumidas com a guerra, ou seja, não tinham dinheiro para a reconstrução.

A saída encontrada, em muitos casos, foi recorrer a empréstimos vindos do exterior, principalmente dos EUA e ainda como a sua produção industrial estava comprometida, pois grande parte de suas indústrias foram destruídas no conflito, acabaram recorrendo também à importação de produtos vindos do exterior, principalmente dos EUA. Estas questões são importantes para a compreensão do entre Guerras, pois é a partir daí que os EUA aparecem como a grande potência

³⁸ HOBBSAWM, Eric. (1995) *A era dos extremos. O breve século XX - 1914-1991*. São Paulo, Companhia das Letras, p. 16-17.

econômica mundial e grande líder político-militar, porém este é também um dos motivos da grande crise econômica de 1929.³⁹

Movimentos contestatórios começavam a ganhar força por todo o mundo, pois embora os países mais afetados diretamente pela Guerra fossem os europeus, que se envolveram diretamente no conflito, é preciso lembrar que estas nações, principalmente Inglaterra e França, eram algumas das principais potências mundiais na época, pois vale assinalar ainda que, os Estados Unidos, embora não tenha havido conflitos em seu território, também se envolveram e inclusive foram fundamentais no desenrolar da guerra para a vitória dos aliados. Portanto, a economia mundial estava diretamente ligada a estes países. Inglaterra e França possuíam naquele momento um vasto império que se espalhava pelo mundo e tinham influência direta política e econômica nestes territórios, nos locais onde não havia influência direta inglesa e francesa havia influencia estadunidense, como o caso, por exemplo, da América Latina.

Portanto, no momento em que estas economias passassem por um período de crise, o mundo todo também passaria por alguma turbulência. Excetuando-se o caso estadunidense que, por não ter se envolvido em uma guerra em seu território, foi o país que menos sofreu posteriormente, por já ter uma economia sólida e ainda por ter sido o grande financiador da reconstrução dos países europeus diretamente envolvidos no conflito. Após a Guerra, os EUA passaram por bom período de crescimento econômico e grande melhoria na qualidade de vida no país e ainda acabaram por se tornar também os grandes líderes mundiais e expandiram grandemente sua influência econômica e militar por todo o globo. No caso dos países europeus, diretamente envolvidos, e dos países periféricos, por todo o mundo, a história não foi bem assim, suas economias frágeis alternaram com o fim da Guerra bons e péssimos momentos, até a grande crise econômica do final da década de 1920. Diante deste quadro, é normal que a população comece a questionar os governos e pressionar por soluções para os problemas econômicos e sociais que estavam postos.⁴⁰

Há que se lembrar ainda que uma das grandes conseqüências da guerra foi a Revolução Russa de 1917, nela um governo que se definia como proletário chegava ao poder e o pensamento político da esquerda se radicalizava, as idéias do

³⁹ HOBBSAWN, p.90-106.

⁴⁰ Idem, p.91-101.

Comunismo e do Socialismo Científico não tardaram muito a se espalhar pelo mundo, as pessoas que estavam ávidas por uma maneira de solucionar seus problemas econômicos e sociais, reivindicavam melhores condições de vida e de trabalho principalmente, logo começaram a se interessar por essas idéias, o Comunismo não demorou em encontrar grande número de adeptos. Com isso, representantes do grande capital, a alta burguesia e também as classes médias, que o viam como uma grande ameaça a seus interesses políticos e econômicos, começaram a também questionar a política econômica em vigência, afinal de contas, ela não estava dando conta de solucionar os problemas do momento.⁴¹

Ao final da década de 1920 estourou uma grave crise econômica nos Estados Unidos que rapidamente se alastrou pelo o mundo. A crise de 1929 foi uma crise econômica, provocada pela superprodução industrial estadunidense, o historiador Eric Hobsbawm, ao discorrer sobre suas razões, aponta que não havia demanda suficiente para que a economia global e dos EUA continuassem em tamanha e tão duradoura expansão como estava ocorrendo no início da década de 1920. Para ele:

As fundações da prosperidade da década de 1920 eram fracas, mesmo nos EUA, onde a agricultura já se achava praticamente em depressão, e os salários em dinheiro, ao contrário do mito da grande era do jazz, não estavam subindo, mas na verdade estagnaram nos últimos anos loucos do boom (Historical Statistics of the, I, p. 164, tabela D722-727). O que acontecia como muitas vezes acontecem nos booms de mercado livres, era que, com os salários ficando para trás, os lucros cresceram desproporcionalmente, e os prósperos obtiveram uma fatia maior do bolo nacional. Mas, como a demanda da massa não podia acompanhar a produtividade em rápido crescimento do sistema industrial nos grandes dias de Henry Ford, o resultado foi superprodução e especulação. Isso por sua vez, provocou o colapso.⁴²

Ou seja, com o congelamento dos salários e a desenfreada expansão da produção econômica, resultando no aumento substantivo dos lucros dos grandes industriais, o grosso da população que permanecia com os salários estagnados não conseguiu acompanhar o ritmo de consumo que estava sendo impresso pelo livre comércio resultando, como o autor disse, em superprodução e especulação.

A Grande depressão em pouco tempo ganhou o mundo todo. As economias modernas, que estavam atreladas ao mercado global foram, de uma forma ou de outra, atingidas. Se, como o autor disse, até a grande e aparentemente sólida economia estadunidense sentiu tanto a crise, a ponto de sofrer sérias pressões

⁴¹ Ibid, p.61-90.

⁴² Ibid, p.104.

internas por parte da população insatisfeita com as condições de vida e de trabalho que estavam postas, o que dizer de países com economias muito mais frágeis e que já passavam por um momento complicado de reconstrução? Esta situação colocou o mundo todo em gravíssima crise econômica e social, a qualidade de vida das pessoas havia piorado consideravelmente e a fome se alastrava por vários países, inclusive na Itália e, principalmente, na Alemanha. A contestação ao sistema político econômico vigente se espalhou por todo o mundo.

O liberalismo econômico, acusado de levar o mundo a esta situação, ficava cada vez mais enfraquecido, não era mais possível deixar a economia a mercê do livre mercado, tudo o que se conseguiu com esta política foi uma grande crise e uma grande contestação popular para com o sistema em vigência, o que só beneficiava o comunismo, pois as pessoas começavam a olhar para estas idéias como a solução para seus problemas.⁴³

Em meio a este contexto político e econômico de contestação ao liberalismo, o mundo foi rumando, na década de 1930, para o fim de estados liberais. Segundo Hobsbawm, até 1944 restaram talvez 12 estados constitucionais democraticamente eleitos de um total de 65 no mundo, a direção era clara, rumava-se para o autoritarismo tanto de esquerda quanto, e principalmente, de direita. A grande ameaça de fato foi, para autor, o fascismo, pois, embora o comunismo provocasse muito medo nas instituições liberais, nenhum estado democrático, segundo o autor, caiu nos vinte anos de crise do liberalismo substituído pelo Comunismo, todos seguiram a nova visão político-ideológica que se orientava à direita, como o Fascismo e seus derivados, se não era perfeita para os representantes do grande capital, pelo menos era uma boa forma, na época, de frear e até mesmo sepultar o crescimento do Comunismo. Benito Mussolini, na Itália, foi o pioneiro dos líderes populares e carismáticos que apareceriam pelo mundo. Com um discurso nacionalista, uma política autoritária, centralizadora, intervencionista e voltado para uma idéia de união nacional para a resolução dos problemas nacionais e defesa dos interesses da pátria, surgia então o Fascismo que assumiu diversas formas em diferentes lugares onde existiu, como o Nazismo na Alemanha, por exemplo.⁴⁴

No entanto, o termo Fascismo não é o melhor para descrever estes novos estados que estavam assumindo o poder pelo mundo, pois, de Fascismo mesmo

⁴³ Idem, p.98-99.

⁴⁴ Idem, p.119-127.

nós podemos falar da Itália de Mussolini da sua forma alemã, o Nazismo, e de alguns outros exemplos europeus como a Espanha de Franco, Portugal de Salazar, a república de Vichy na França, entre outros. Porém a grande maioria destes outros estados que emergiram durante a crise do liberalismo, liderados por forças antiliberais, foi influenciado pelo Fascismo. Isso, segundo Hobsbawm, deu à direita internacional, um centro internacional de apoio a estes regimes e um senso de confiança histórica naquilo que estavam fazendo.⁴⁵

Esse autor ao comentar ainda sobre a características destes estados que estavam emergindo dizia, “todos eram contra a revolução, e na verdade uma reação contra a subversão da velha ordem social em 1917-20 estava na raiz de todos eles. Todos eram autoritários e hostis às instituições liberais, embora às vezes mais por motivos pragmáticos do que por princípios.”⁴⁶. No Brasil o golpe de estado liderado por Getulio Vargas, em 1930, instaurou algo semelhante ao que estava ocorrendo no mundo, mais um governo autoritário que emergiu após a crise do liberalismo, mas isso será mais bem desenvolvido um pouco mais a frente. Portanto, os líderes emergentes tendem a se apropriar daquilo que lhes interessava do Fascismo.

1.2 O BRASIL NO CONTEXTO MUNDIAL: A ERA VARGAS.

No Brasil, em 1930, irrompeu o golpe de estado arquitetado e levado a cabo com a liderança de Getulio Vargas. É claro que há de se considerar as peculiaridades locais no caso da queda do regime vigente até então e a distribuição de forças políticas no contexto Brasileiro, mas no plano geral o Brasil não fugia a tendência mundial. A crise econômica de 1929 além de também ter chegado ao país, uma das várias economias frágeis e periféricas que estavam inseridas no mercado mundial, deixaria várias consequências políticas, econômicas e sociais.

No Brasil republicano, pré-1930, o que se via era o poder político nas mãos de oligarquias estaduais, grandes grupos de latifundiários, especialmente paulistas e mineiros, que mandavam em seus estados e alternavam-se na presidência. A “política dos governadores”, acordo político no qual as oligarquias elegiam seus representantes nas instituições políticas da época e, em troca, estes atuavam com uma política de reciprocidade de favores para com aqueles que lhes colocaram no

⁴⁵ HOBBSAWM, Idem, p.115-116.

⁴⁶ HOBBSAWM, Idem, p.116.

poder, consolidada após o governo Campos Sales, era o pacto que mantinha as oligarquias estaduais no poder e possibilitava sua influência no cenário nacional.

O poder político nacional estava centrado nos dois estados mais ricos, São Paulo e Minas Gerais. Porém, pelo menos desde 1922, as oligarquias regionais e mesmo outros setores militares e da sociedade civil organizada já começaram a pressionar e se manifestar para a contestação da ordem vigente. A presença de um candidato de oposição nas eleições presidenciais, a revolta tenentista e o movimento modernista, que culminou com a Semana de Arte Moderna de 1922, são alguns exemplos. No entanto, o poder político e econômico destas oligarquias dominantes continuava forte e seria difícil derrubá-los do poder. Entretanto, com a crise de 1929, as exportações de café e outros produtos brasileiros despencaram, minando de certa forma o poder econômico destes estados. Com a crise econômica os movimentos sociais que começaram a surgir neste período no Brasil ganharam força, portanto eram tempos de contestação do regime que estava posto.⁴⁷

É claro que no plano político este momento de crise não ficaria impune. O povo clamava por melhorias nas condições de vida e de trabalho e as elites estaduais que não estavam no poder, viram uma grande oportunidade de chegar a ele. A crise política agrava-se em 1929 quando, o presidente Washington Luis, indica o outro paulista, Julio Prestes, para sucedê-lo no cargo, rompendo com a política do “café com Leite”, pois conforme este acordo um mineiro deveria ser indicado naquele momento. Portanto, desta vez a cisão política ocorreu dentro da oligarquia dominante, somando-se a isso a crise de 1929, que enfraqueceu consideravelmente São Paulo, o momento para a “revolução” parecia, aos olhos de muitos, perfeito.

Formou-se então a Aliança Liberal, uma coligação de forças políticas que lançou a candidatura de Vargas ao poder. Vargas perdeu as eleições de 1930 para Julio Prestes e então o grupo “pró-revolucionário”, da Aliança Liberal buscou o apoio dos tenentes, aqueles mesmos do movimento tenentista de 1922, para prepararem a “revolução” que agora viria por meio das armas. Como se pode perceber, Getúlio chegou ao poder apoiado por políticos e grupos de diferentes interesses, alguns com perspectivas até opostas. Portanto, quando a Aliança Liberal chegou ao poder as diferenças de perspectiva política dentro da agrupação trouxeram expectativas

⁴⁷ FERREIRA, Marieta de Moraes e PINTO, Surama Conde Sá. *A crise dos anos 1920 e a Revolução de 1930*. In: FERREIRA, Jorge e Delgado Lucilía. *O Brasil Republicano*. Volume I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.p.389-399.

diferentes e divergentes de cada facção nela representada. Dessa forma, um acordo entre os envolvidos estabeleceu um “estado de compromisso”, um estado que se abre a todos, sem se submeter a nenhum. O rumo político ia em direção a um estado centralizador, intervencionista e, ideologicamente, se afastava do Liberalismo, rumando ao autoritarismo.⁴⁸

A Aliança Liberal conseguiu derrubar o governo e colocar no poder um político que possuía muita liderança, carisma e uma forte ligação com os movimentos trabalhistas. Características estas que se assemelham as dos principais líderes políticos que emergiram pelo mundo. Vargas ainda aperfeiçoaria suas principais características, as quais tomaria de empréstimo dos grandes líderes Fascistas da época, mas de forma alguma é possível caracterizar os 15 anos de governo Vargas como fascista. Era sim autoritário, nacionalista, centralizador, intervencionista, militarista e possuía um forte apelo ao corporativismo sindical.⁴⁹ Mas as suas semelhanças ao Fascismo param por aí, na verdade este foi mais um daqueles governos que emergiram após a crise do liberalismo.

No poder, a primeira medida de Getúlio Vargas foi impedir reações. Ele fechou o Congresso, invalidou a Constituição e trocou os governadores dos estados por interventores que o apoiavam. Algumas outras medidas importantes no início de seu governo foram a criação de dois ministérios, o da Educação e Saúde Pública e o do Trabalho, Indústria e Comércio.

Houve também enfim a institucionalização do Exército que com isso passou a ter sua força política inflacionada consideravelmente e também a criação do Código Eleitoral, que previa o voto secreto e o voto feminino, além da condição de alfabetização. A criação dos ministérios indica a preocupação do novo governo para com as causas sociais. Para a historiadora Maria Celina D’Araújo a preocupação de Vargas era desde cedo esvaziar os movimentos operários que haviam crescido muito com a crise política e econômica do final da década de 1920 e estavam rumando para o Comunismo, além disso, o novo governo acreditava no papel intermediador do Estado nas questões sociais, o Estado se via como mediador das relações entre os trabalhadores e seus patrões.

⁴⁸ FERREIRA e PINTO, Idem, p.403-411.

⁴⁹ D’ARAÚJO, Maria Celina. A Era Vargas. São Paulo. Moderna, 1997.p.23.

Dessa forma, se iniciava naquele momento uma política trabalhista que marcaria profundamente a história do Brasil, o corporativismo sindical. Segundo a autora:

O governo regulamentava as profissões e reconhecia direitos trabalhistas (aposentadoria, férias etc.) apenas para os trabalhadores que pertencessem às categorias profissionais reconhecidas pelo Estado. Criava também uma justiça especial para lidar apenas com problemas trabalhistas, a Justiça do Trabalho, que tinha como objetivo maior fazer com que empresários e trabalhadores encontrassem sempre uma solução conciliatória que impedisse os caminhos da greve e dos movimentos operários... controlava na prática a vida sindical e impunha limitações para a autonomia da vida sindical.⁵⁰

Todas estas medidas seriam emblemáticas da passagem de Vargas pelo governo do Brasil. Seu governo se consolidou no poder com a vitória sobre os paulistas, na revolução constitucionalista de 1932. Mas, embora derrotados militarmente, os paulistas conseguiram exigir, de certa maneira por pressão e necessidade do momento político por que passava o país, a realização de eleições e a promulgação de uma nova Constituição, em 1934. A Carta de 1934 transparecia muito claramente as contradições do momento político em que foi redigida, ela possuía tanto características liberais quanto características autoritárias, fruto do embate político de diferentes grupos e perspectivas, como já vimos anteriormente. Vargas, por seu turno, não gostava nem um pouco daquela carta constitucional, que, aliás, ele apelidou de “monstruosa”, temendo que ela pudesse diminuir seus poderes.⁵¹

Na década de 1930 surgiram também no Brasil movimentos de massa de ideologia radical, a Ação Integralista Brasileira, como mencionado, é um destes movimentos que, em certos momentos, apoiou Getúlio Vargas em seus planos ditatoriais, principalmente quando se alastrou certo temor de uma ameaça Comunista, como será visto adiante. Outro movimento muito importante para o período foi a Aliança Nacional Libertadora, a ANL pregava justamente a revolução Socialista. Tendo como uma de suas principais lideranças o ex-tenentista Luis Carlos Prestes os militantes da ANL, em 1935, planejaram uma tentativa de tomada de poder no Rio de Janeiro e no Nordeste.

Este levante ficou conhecido como a “Intentona” Comunista, tentativa frustrada da ANL de tomar o poder pelas vias do golpe de estado, porém o levante

⁵⁰ Idem, p. 21.

⁵¹ IBID, p.20-27.

não contou com forte adesão popular e foi rapidamente sufocado pelo governo. No entanto, foi suficiente para gerar uma paranóia anticomunista na sociedade brasileira, principalmente na classe média urbana. Com isso, Vargas conseguiu instituir a Lei de Segurança Nacional.

O levante armado e o clima de insegurança foram usados pelo governo para suspender a Constituição, o que acontece em 1937, e decretar estado de sítio e de guerra até que finalmente foi dado o golpe, em 10 de novembro, e dando início ao Estado Novo, sem maiores oposições. Uma das primeiras medidas políticas de Vargas, estabelecido o Estado Novo, foi fechar todos os partidos.

Os integralistas foram, naquele momento, grandes parceiros do Governo Federal, com sua forte militância, o partido ajudou-o a combater publicamente o liberalismo e principalmente o comunismo. A AIB teve um papel importante nas pretensões golpistas do governo, tanto que participaram ativamente das tramas que envolveram o golpe e, logo após, manifestaram publicamente seu apoio a Vargas, porém este sabia das pretensões integralistas de chegar ao poder. Por isso, após o golpe Vargas começa quase imediatamente a perseguir aqueles que ajudaram a colocá-lo no poder.⁵²

A Ação Integralista Brasileira, que havia se transformado em partido político para concorrer às eleições de 1938, também foi fechada, seguindo-se a tentativa de esvaziar o movimento, colocando-o na ilegalidade. A partir daí, o governo começou de fato a tomar as medidas que marcariam a sua ditadura. O estabelecimento da censura à imprensa, o início de um programa de propaganda política e festas cívicas que visavam fortalecer a figura de Vargas enquanto líder nacional e também o espírito nacionalista.⁵³

Muitas destas características políticas citadas acima e postas em prática pelo governo Vargas são, como apontado por Hobsbawm, uma apropriação de características do fascismo. Há, ainda em 1938, uma última tentativa Integralista de chegar ao poder. Agora através das armas, os integralistas promoveram dois levantes. O primeiro *putsch* Integralista, de 11 de março de 1938, foi uma tentativa frustrada de tomar uma rádio no Rio de Janeiro. Já o segundo, de 11 de maio de 1938, ocorrido enquanto Plínio Salgado negociava um ministério com Vargas, segundo Marcos Chor e Roney Cytrynowicz;

⁵² MAIO, M. C. & CYTRYNOWICZ R, Op. Cit. p. 48.

⁵³ D'ARAUJO, Op. Cit. p.26-30.

Ocorreu um novo ensaio golpista contra o Palácio Guanabara e outros alvos civis e militares que resultou na prisão de dezenas de militantes. O levante foi liderado por Belmiro Valverde, Olbiano de Melo e Gustavo Barroso, que tiveram o apoio de opositoristas a Vargas como Euclides Figueiredo, Otávio Mangabeira e José Antonio Flores da Cunha.⁵⁴

1.3 O DECISIVO ANO DE 1937: ENTRE AS ELEIÇÕES PREVISTAS PARA JANEIRO DE 1938 E O GOLPE QUE IMPLANTOU O ESTADO NOVO NO PAÍS.

O levante armado de 1935, apesar de seu fracasso, foi sem dúvida o pretexto para que Vargas conseguisse chegar de vez a seus objetivos governamentais: o fechamento político e a centralização do poder em suas mãos. Após 1935, isso já começou a acontecer quando, alegando um clima geral de insegurança, provocado pela “Intentona Comunista” o próprio Congresso começou a aprovar medidas que além de limitarem seus próprios poderes, aumentou os poderes do Executivo. A Lei de Segurança Nacional é o maior destes exemplos. A historiadora Dulce Chaves Pandolfi afirma que esta lei “previa a censura aos meios de comunicação e prisão de um a dez anos para aqueles que estimulassem ou promovessem manifestações de indisciplina nas forças armadas ou greves nos serviços públicos. As entidades sindicais consideradas suspeitas poderiam ser fechadas. Ficava evidente o recuo dos liberais diante da organização do movimento popular.”⁵⁵

Não satisfeito com os poderes que já havia conseguido Vargas buscou o Congresso para tentar prorrogar seu mandato presidencial que, segundo a constituição de 1934, deveria se encerrar em 1938, quando deveriam ocorrer as eleições. Porém, em uma votação para decidir sobre o assunto, ele perdeu por dois terços dos votos. Sem desistir de sua intenção de permanecer no poder, ele buscou o apoio dos governadores, mas mais uma vez recebeu uma negativa de quatro estados muito importantes da federação: São Paulo, Bahia, Pernambuco e Rio Grande do Sul. Estes estados passariam depois desta negativa por um processo de

⁵⁴ MAIO, M. C. & CYTRYNOWICZ, Idem, p.48.

⁵⁵ PANDOLFI, Dulce Chaves. *Os anos 1930: As incertezas do regime*. p.33.In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida N. (Orgs.). **O Brasil republicano 2: O tempo do Nacional-estatismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

exclusão do poder por parte de Vargas. No entanto, ele conseguiu o apoio do mineiro Benedito Valadares para dar prosseguimento as suas idéias golpistas.⁵⁶

Em 1937, ganhou muito destaque por todo o cenário nacional a campanha eleitoral, mesmo que a contra gosto de Vargas e sofrendo muita repressão por parte do governo, três candidatos já haviam se lançado à luta pela presidência da República: Armando de Sales de Oliveira, governador de São Paulo; José Américo de Almeida e Plínio Salgado, o grande líder dos integralistas que decidiu lançar sua candidatura após um plebiscito realizado no interior da AIB.

Durante aquele ano foi pedida por Vargas a manutenção do Estado de Guerra, em vigor desde 1936. No entanto o Congresso rejeitou o pedido, mas não por muito tempo. Alguns meses depois foi divulgado na imprensa o “plano Cohen”, que seria mais uma tentativa de levante comunista no Brasil. Posteriormente se descobriria que o “plano Cohen” na verdade foi apenas uma ficção, segundo Helgio Trindade:

A Ação Integralista, conscientemente ou não, fornecerá através do Plano Cohen o pretexto para a implantação do Estado Novo. O falso plano de subversão comunista no Brasil foi elaborado, segundo os integralistas, como documento “de estudo interno” pelo Chefe do Estado-Maior da Milícia e, ao mesmo tempo, membro do serviço secreto do Exército, o capitão Mourão Filho. Este documento, por intermédio de outro militar cai em mãos do ministro da Guerra, o general Góes Monteiro, e será difundido pelo governo através da Rádio Nacional como um plano apreendido pelas forças armadas. Salgado, embora tenha reconhecido o documento de Mourão por ocasião de sua divulgação, declara “que não o desmentiu publicamente sob a responsabilidade do Estado-Maior do Exército”: “Eu não podia desmoralizar a única força organizada que nós ainda possuíamos para combater o comunismo”, (Entrevista com Plínio Salgado, Brasília, dezembro de 1969).⁵⁷

Esta citação deixa bem clara o grau de envolvimento e colaboração dos integralistas com o governo Vargas. Faziam de tudo para combater o comunismo, seu principal inimigo, e ainda apoiaram direta e publicamente os planos golpistas de Vargas. Porém, talvez sua intenção fosse justamente abrir caminho para uma possível tomada de poder por parte dos próprios integralistas, em um futuro próximo. No entanto, Vargas rapidamente tratou de silenciá-los. O Estado de Guerra voltou e permitiu a suspensão das garantias constitucionais por 90 dias. Havia a suspeita de que, se o Congresso não votasse a favor do Estado de Guerra, o Exército interviria.

⁵⁶ PANDOLFI, Idem, p.33.

⁵⁷ TRINDADE, Hélgio. **Integralismo: O Fascismo Brasileiro na década de 30**. São Paulo/ Rio de Janeiro, DIFEL, 1979. p. 178.

Em nome da segurança do Estado vários acordos políticos foram feitos. Os opositores aos poucos cederam e quase não ofereceram mais resistência ao golpe, argumentando que evitavam uma intervenção militar. As eleições que estavam marcadas para 1938 foram prontamente canceladas. No dia 10 de novembro de 1937 o Congresso Nacional foi cercado por tropas da polícia militar, o regime mudou e a maioria dos aliados de 1930 estavam marginalizados.⁵⁸

Após este capítulo de contextualização do período e do tema abordado neste trabalho, com intenção de deixar claros as condições de produção do discurso integralista e o discurso anticomunista presente neste. E ainda depois de observar o contexto político brasileiro do período e o momento de crucial importância para a AIB, envolvida em embates políticos e na eleição, pretendo a partir de agora analisar as fontes diretamente a fim de identificar as formas as quais aparecem na imprensa integralista às apropriações do discurso anticomunista e a emblemática Batalha da Praça da Sé e ainda quais os usos políticos feitos por trás destes discursos, agora tendo em mente o contexto do período estudado.

⁵⁸ PANDOLFI, Op. Cit. p.34-35.

CAPITULO 2 – OS USOS POLÍTICOS DA BATALHA DA PRAÇA DA SÉ, DE 1934, PARA AS ELEIÇÕES DE 1938: AS APROPRIAÇÕES NO MOMENTO DA CAMPANHA ELEITORAL DA AÇÃO INTEGRALISTA BRASILEIRA.

A “batalha campal” entre comunistas e integralistas, ocorrida em 1934, deixou fortes marcas no ideário do movimento. Após aquele dia, o anticomunismo, muito presente desde o início de sua trajetória, ganhou um marco simbólico. Quando se fazia necessário invocá-lo, seja por via da imprensa, seja por via de manifestações públicas, os integralistas se utilizavam muito freqüentemente do ocorrido para destacar todas as qualidades negativas dos comunistas. Haja vista que, como veremos mais adiante, o ataque comunista de 1934, como explicado pelos Integralistas, foi um ato covarde e até mesmo terrorista. Dessa maneira, a “batalha” de 1934 ficaria sendo um emblema anticomunista usado pelos Integralistas.

Neste Capítulo pretendo fazer uma breve contextualização das manifestações públicas Integralistas que ocorreram freqüentemente durante o período de atuação do Partido. Além de contextualizar, também com base em jornais da época, *Folha da Noite* e *Folha da Manhã*, o ocorrido no dia sete de outubro de 1934. Por fim pretendo observar como os Integralistas levantaram a bandeira do anticomunismo, utilizando-se da “batalha” de 1934, nos momentos em que precisavam angariar votos para as eleições que ocorreriam em janeiro de 1938.

2.1 AS MANIFESTAÇÕES PUBLICAS INTEGRALISTAS:

A propaganda ideológica foi talvez o aspecto central dos movimentos fascistas. Foi principalmente na Alemanha Nazista que mais se desenvolveram as técnicas de persuasão e disseminação ideológica dos ideais do movimento. No caso brasileiro, a AIB, muito próxima do Fascismo Italiano, como nos aponta Rogério Souza Silva, principalmente no que se refere às simbologias que, para esse autor são, como mencionado, um abasileiramento das que Benito Mussolini e Adolf Hitler utilizavam.⁵⁹ Dessa forma, os integralistas não ficavam atrás de seus co-irmãos ideológicos, e neste contexto de propaganda é que tem grande importância a imprensa integralista, que será analisada mais adiante, e também as manifestações públicas do movimento.

⁵⁹ SILVA, Op. Cit., p.68.

Os integralistas, desde o momento em que começaram a reunir grande quantidade de adeptos, passaram a realizar desfiles e outras manifestações públicas por todo o Brasil, aos moldes de seus exemplos europeus. Essas manifestações públicas ocorriam geralmente em forma de desfiles, ou paradas, carregadas de simbolismo, nas quais a intenção era a propaganda ideológica do movimento, para os próprios integrantes e também para a população em geral, com o intuito de conseguir mais adeptos. Além disso, havia também a intenção de demonstrar força política, mostrar a amplitude de mobilização do movimento para aqueles que faziam oposição ou lhe davam pouca importância. Sobre as funções dos símbolos e ritos integralistas, a historiadora Rosa Maria Cavalari aponta o seu funcionamento e objetivos:

Os símbolos e ritos, estratégias de padronização e unificação do Integralismo, responsáveis por criar, junto aos militantes, a *mística* do Movimento, constituíam-se também em eficiente estratégia de arregimentação de novos adeptos. Desempenhavam, portanto, no interior da A.I.B., uma dupla função: unificavam e arregimentavam. Para criar a uniformidade e padronização de pensamento e de comportamento, entendidas como essenciais para a consolidação e propagação do Movimento, contava a A.I.B., com os *Protocolos e Rituais*, uma extensa “legislação” criada especialmente para esse fim.⁶⁰

Portanto, aos moldes fascistas, o Integralismo desenvolveu um aparato ritualístico e simbólico altamente ligado à ideologia do movimento. A normatização de comportamentos, o uso dos uniformes carregados de símbolos, a estrutura hierárquica disciplinadora e o gestual ritualístico e simbólico não eram apenas maneiras de criar coesão e identidade ao grupo político, mas também serviam para transmitir a mensagem do movimento, não apenas com o intuito de lembrar aos próprios integrantes de toda a estrutura à qual pertenciam, mas também como uma forma de propagar e divulgar a ideologia do movimento para o público em geral e cativar mais adeptos as suas idéias.

Não cabe aqui uma longa discussão sobre os símbolos e rituais integralistas, o objetivo neste momento é apenas fornecer uma breve contextualização do ocorrido no dia sete de outubro de 1934. Dessa forma, se faz necessário entender o que os Integralistas estavam fazendo no centro de São Paulo quando foram surpreendidos pelos comunistas. Como comentado, a padronização de comportamentos e a criação de uma rede de rituais e símbolos fazia parte dos

⁶⁰ CAVALARI, Idem, 164-165.

movimentos fascistas como uma estratégia eficaz de coesão, unificação e propaganda ideológica do movimento. Portanto, a fim de explorar ao máximo essas funções, foram utilizadas várias maneiras de reunir os integralistas. Foram instituídos três feriados integralistas, com os objetivos já ditos. São eles, *Vigília da Nação*, *Noite dos Tambores Silenciosos* e *Matinas de Abril*. Todos, como mencionado, carregados de ritualística e simbologia. Segundo, Rosa Maria Feiteiro Cavalari, estas festas deviam ocorrer obrigatoriamente em todos os núcleos integralistas espalhados pelo Brasil no mesmo dia e hora. Esses dias são respectivamente, vinte e oito de fevereiro, vinte e três de abril e sete de outubro. A *Vigília da Nação* servia para comemorar o I Congresso Integralista Brasileiro. Já as *Matinas de Abril*, comemoravam o primeiro desfile dos “camisas-verdes” em São Paulo. E finalmente a *Noite dos Tambores Silenciosos* comemorava a data da publicação do Manifesto de Outubro, que foi o manifesto Integralista de 1932, o qual fundou a AIB. Além disso, a historiadora Rosa Maria Cavalari completa que “nos feriados integralistas deveriam ocorrer, em todos os núcleos e instituições da AIB, concentrações de “camisas-verdes”, inaugurações, torneios esportivos e práticas de atos nobres de caridade cristã.”⁶¹

Segundo o artigo de Ricardo Figueiredo de Castro, intitulado *A Frente Única Fascista (FUA) e o antifascismo no Brasil (1933-1934)*,⁶² naquele domingo, sete de outubro, estava ocorrendo de fato uma manifestação integralista na Praça da Sé, em São Paulo. Tratava-se de uma concentração de “camisas-verdes”, a fim de comemorarem o aniversário do manifesto integralista de 1932. Ricardo Castro assinala que já estava ocorrendo, há algum tempo, uma disputa por espaço público entre os integralistas e a Frente Única Antifascista. Segundo ele, com o crescimento do fascismo, entre os anos de 1933 e 1934, as oposições antifascistas, que reuniam vários grupos políticos, principalmente da esquerda, mas não necessariamente apenas comunistas, começou também a ganhar destaque e à medida que os integralistas começaram a se expor mais publicamente, realizando estas manifestações e concentrações públicas, envolvendo milhares de adeptos, os antifascistas também começaram a fazer suas próprias manifestações e concentrações, segundo Ricardo Castro elas funcionavam assim:

⁶¹ CAVALARI, Op. Cit., p. 182.

⁶² CASTRO, Ricardo. *A Frente Única Antifascista (FUA) e o antifascismo no Brasil (1933-1934)*. Topoi, Rio de Janeiro. UFRJ, n.5, p. 354-388, 2002.

Conhecedores da importância tática que a AIB conferia ao controle simbólico do espaço público, os antifascistas também compareciam a todos os eventos promovidos pelos Integralistas. A tática antifascista empregada pela FUA tinha dois pólos: a propaganda, ou melhor, a contra propaganda, veiculada nas páginas do seu principal veículo de divulgação, *O Homem Livre*, e a agitação política caracterizada nos comícios e, sobretudo nos contra comícios.⁶³

Portanto, ainda segundo o autor, neste período, por volta do mês de julho, essa disputa por espaço junto ao público havia se intensificado e alguns choques entre estes dois grupos já haviam ocorrido, inclusive um tiroteio no qual um integralista foi morto. Enquanto isso, ocorria no cenário político nacional a discussão e posterior promulgação da Constituição de 1934, o debate ideológico em torno da Constituição acirrou ainda mais os ânimos entre estes dois grupos, cada um defendia suas idéias e tentava influenciar a constituinte, assim o confronto era só uma questão de tempo.

2.2 A BATALHA DA PRAÇA DA SÉ NA VISÃO INTEGRALISTA.

Tendo como base o artigo de Ricardo Castro, percebe-se que no momento em que se soube que haveria uma grande concentração integralista na Praça da Sé, no domingo, dia sete de outubro de 1934, a Frente Única Antifascista e mais alguns outros grupos de esquerda, como por exemplo, o Partido Comunista, resolveram prontamente organizar um contra comício a fim de não permitir a marcha integralista sobre o centro de São Paulo. Dessa forma, a população, que simpatizava com o movimento antifascista, em sua maioria trabalhadora, foi prontamente convocada e respondeu bem ao chamado. Uma grande quantidade de antifascistas se reuniu no mesmo local onde estavam se concentrando os Integralistas e a confusão não tardou a começar.⁶⁴

Segundo o Jornal Folha da Manhã, em reportagem de capa do Segundo Caderno, do dia nove de outubro de 1934, o desfile integralista pelo centro de São Paulo já estava sofrendo ameaças durante a semana que o antecedia. No dia, fontes integralistas, segundo o jornal, afirmaram que cerca de dez mil pessoas eram esperadas e que um grupo da milícia integralista viria do Rio de Janeiro, especialmente para este evento, devido às ameaças. Na mesma hora, por volta das

⁶³ CASTRO, Op. Cit., p. 370.

⁶⁴ Idem, p. 374-379.

duas da tarde de domingo, começaram os comícios e concentrações integralista e comunista, visto que a polícia havia, segundo o jornal, autorizado ambas no mesmo local. Ao início da celebração Integralista, um pequeno grupo de antifascistas começou a gritar “morra o fascismo”. Dessa forma, um grupo de milicianos integralistas saiu correndo em sua direção e se iniciou o conflito. Porém, foi apenas depois, de acordo com o jornal, de uma metralhadora da polícia ter disparado tiros “acidentalmente” – é preciso lembrar que havia grande quantidade de policiais fortemente armados no local – que começaram a correria e o pânico e, logo em seguida, o que se viu nas palavras do periódico:

Foi então, e justamente quando todos fugiam, que dos prédios que cercam a praça começaram a chover os tiros que aumentariam de intensidade. O que se passou então foi verdadeira cena de pânico. Os integralistas atiraram-se ao chão, para evitar as balas e, sacando de revolveres, começaram revidar em direção às janelas de onde partiam os tiros.⁶⁵

Passados alguns minutos, quando todos imaginavam que o confronto havia acabado e as celebrações já haviam voltado a acontecer, o jornal relata a continuação;

Violenta, ininterrupta, irrompeu novamente a fuzilaria. Das janelas do prédio Santa Helena, de uma construção ao lado do prédio da Preferida e da esquina da Rua Barão de Paranapiacaba. Os inimigos do integralismo faziam fogo. A cavalaria da F.P. e os milicianos da guarda civil, tomados entre dois fogos, pois numeroso grupo de integralistas começou a revidar, começaram a fazer uso dos fuzis e das metralhadoras. Deu-se então uma verdadeira batalha. De um lado, ao descoberto, tentando localizar os focos do ataque, sem defesa para se resguardar, De outro os que ocultos, atiravam incessantemente e, no meio de tudo isso, soldados da Força Pública e guardas civis, atirando também, contra tudo e contra todos!⁶⁶

Após algum tempo, a polícia conseguiu, aos poucos, controlar a situação e dispersar os manifestantes.

O mais importante desse confronto, para este trabalho, é a visão que os integralistas construíram posteriormente do ocorrido. Como pudemos ver, o fato ganhou dramaticidade para os integralistas que estavam em uma praça aberta tomando tiros de todos os lados sem ter muito como se defender, portanto, para os integralistas o confronto foi visto como uma emboscada covarde. Não cabe aqui julgar o que penso sobre os fatos, apenas preciso deixar claro o discurso elaborado

⁶⁵ FOLHA da Manhã. São Paulo, 9/10/ 1934. Segunda Seção.

⁶⁶ Idem.

pelos integralistas sobre eles. Até porque houve muitos outros confrontos nos quais morreram vários envolvidos, de ambas as partes, a única intenção em eleger este especificamente é justamente porque foi com ele que os integralistas construíram uma memória anticomunista, por ter sido, pelo menos para eles, um dos piores.

Com o passar do tempo, construiu-se uma imagem do confronto baseada na exaltação da figura dos integralistas vitimados naquele dia como mártires do movimento na luta contra seu maior inimigo, os comunistas. E o confronto passou a servir como emblema do anticomunismo integralista.

O jornal integralista *Acção*, de São Paulo, publicou, no dia sete de outubro de 1936, esta imagem de capa, na qual relembra o ataque de 1934:



67

A partir da imagem é possível perceber como os integralistas construíram uma visão sobre um fato, na qual aparecem como mártires em defesa de seus ideais e na qual elegem seu maior inimigo como sendo o principal vilão. Os aspectos imagéticos são altamente simbólicos, ambos os integralistas, apresentados devidamente uniformizados, defendem a bandeira integralista até o último momento. Pode-se perceber que o Integralista abatido, mesmo quase morto, ainda segura firme a bandeira integralista em uma posição que denota a intenção de martirizar o

⁶⁷ JORNAL *Acção*, Sigma-jornaes-reunidos. Direcção de Miguel Reale. Ano I, São Paulo, sete de outubro de 1936. Nº1.

ato. Seu companheiro o defende até o instante final, numa demonstração dos principais ideais do movimento, que se dizia espiritualista, no qual a defesa dos ideais referentes à moral cristã prevalecia. O integralista, ainda de pé, não abaixa a cabeça e, num ato heróico, luta para salvar seu companheiro da morte.

Na manchete que abre o jornal e explica a imagem, mais uma vez fica clara a idéia construída do ataque. Os integralistas são chamados de heróicos, por tudo o que já dissemos. E, a partir de então, seu inimigo é eleito. “vitimados pelas balas assassinas de comunistas covardemente intocaiados (sic)”. Ou seja, são heróis, pois foram vítimas, mas como bem nos aponta Ricardo Castro o grupo de antifascistas que lá estavam presentes congregava vários grupos de esquerda e não apenas os comunistas. Havia representantes de sindicatos, anarquistas, antifascistas nacionais e italianos, representantes do Partido Socialista e também os representantes do Partido Comunista⁶⁸. Contudo, fica evidente a intenção dos integralistas de juntá-los todos no mesmo grupo e eleger como principal culpado seu maior inimigo, os comunistas.

Deve-se lembrar também que este ataque não foi tão surpresa. Como já foi dito, segundo Ricardo Castro e o próprio jornal *Folha da Manhã*, durante toda a semana ocorreram ameaças por vias da imprensa à concentração integralista, tanto é que uma milícia integralista fortemente armada veio do Rio de Janeiro especialmente para este desfile. É também interessante lembrar que o jornal destaca o fato de os integralistas mortos serem operários. Embora saibamos, via Héglio Trindade⁶⁹, que a base dos integrantes do movimento integralista era da classe média urbana, isso não significa que não existiam adeptos do movimento de outras classes sociais. Pelo contrário, existiam e muitos.⁷⁰ Porém a necessidade de se destacar isso neste momento talvez se deva ao fato de se contrapor aos comunistas, demonstrar a força do movimento, afinal de contas a maior parte dos comunistas estava, ou se dizia estar, entre os trabalhadores e operários.

A partir desta imagem de capa, o jornal segue com várias matérias apontando para o perigo comunista. Manchetes como “O fechamento da A.I.B., na Bahia: O enfraquecimento do integralismo representa uma vantagem para o comunismo.” e “Os comunistas estão agindo”. Dessa forma, o apelo à imagem da batalha da Praça da Sé serve, entre outras coisas, para lembrar e cativar os adeptos do movimento na

⁶⁸ CASTRO, Op. Cit., p. 354-388.

⁶⁹ TRINDADE, Op. Cit.

⁷⁰ TRINDADE, Idem, p. 129-160.

luta contra seu grande inimigo, a batalha é usada pela imprensa integralista de fato como uma bandeira anticomunista.

No interior do jornal ainda é possível comprovar a intenção de criar dramaticidade e mártires da luta contra o comunismo. Um pequeno artigo menciona Nicola Rosica, considerado o primeiro Mártir do movimento integralista. Ao lembrar a batalha da Praça da Sé, o jornal faz menção honrosa ao primeiro integralista morto em um confronto contra os “comunistas”, no entanto, este episódio ocorreu alguns dias antes daquele na Praça da Sé, em São Paulo, por isso ele é considerado o primeiro mártir.⁷¹

Fig1.⁷²Fig2.⁷³

As duas fotos acima possuem um ano de diferença em relação a sua publicação, porém ambas os textos que acompanham as fotos possuem o mesmo tom e intenção, valorizar a imagem do primeiro mártir integralista, que morreu lutando contra seu principal inimigo. O apelo à figura de um jovem de aspecto sereno e ostentando o fardamento integralista, parece revelar duas coisas. Primeiro, a intenção de conferir dramaticidade à reportagem e ressaltar os valores da ideologia integralista e, em segundo lugar, demonstra a adesão dos jovens ao movimento. Héglio Trindade destaca a massiva participação da juventude, chegando a lembrar inclusive que grande parte de seus líderes eram jovens.⁷⁴

⁷¹ JORNAL Acção, Sigma-jornaes-reunidos. Direção de Miguel Reale. Ano I, São Paulo, sete de outubro de 1936. Nº1.

⁷² Idem

⁷³ JORNAL Acção, Sigma-jornaes-reunidos. Direção de Miguel Reale. Ano I, São Paulo, 3 de outubro de 1937. Nº300.

⁷⁴ TRINDADE. Op. Cit., p. 144-145.

2.3 A BATALHA DA PRAÇA DA SÉ DE 1934, A IMPRENSA INTEGRALISTA E AS ELEIÇÕES DE 1938.

Em meio à campanha para as eleições, previstas para janeiro de 1938, a imprensa integralista passou a ser utilizada, ao longo do ano de 1937, também como um dos meios do partido chegar a seus eleitores e angariar votos. Afinal de contas, a imprensa Integralista possuía funções muito importantes na estrutura organizacional do movimento. Como foi dito, era na imprensa que se dava grande parte da ideologização dos integrantes do integralismo e, por isso, o jornal era o maior veículo de comunicação e alcance das idéias dos dirigentes do partido para com a sua base de militantes.

Não era à toa, portanto, que, naquele momento de campanha eleitoral, o impresso integralista fosse usado também como material eleitoral. O jornal integralista *Acção*, de São Paulo, é um exemplo deste uso. Além de algumas reportagens que atentam para as eleições e algumas questões dos projetos eleitorais que estavam sendo debatidas naquele momento como, por exemplo, uma reportagem de página inteira sobre a questão religiosa, na qual se discute o voto dos católicos (Anexo I) ⁷⁵, em que fica clara a intenção de angariar eleitores entre os católicos, pois o texto diz que estes devem examinar bem suas opções e votar naquela que mais defende os valores da família brasileira e a sua religião, tão ameaçada pelo Comunismo ateu.

Além disso, o jornal prestava alguns serviços à direção do partido com vistas à eleição como, por exemplo, em meio ao jornal apareciam informes de como conseguir o programa eleitoral da AIB, ou então o local onde os integralistas deveriam comparecer para se alistarem para as eleições, ou ainda um informe sobre os locais e datas dos comícios pró-Plínio Salgado (Anexo II) ⁷⁶.

É evidente a utilização da imprensa Integralista pela direção do partido no momento de campanha eleitoral, a fim de aproveitar ao máximo seus melhores e mais eficientes meios de comunicação e ideologização de seus adeptos.

A revista *Anauê* também não ficou atrás, afinal o partido não deixaria de utilizar o seu mais eficiente impresso. Por toda a revista se observam recortes e

⁷⁵ JORNAL *Acção*, Sigma-jornaes-reunidos. Direção de Miguel Reale. Ano I, São Paulo, 3 de outubro de 1937. Nº300.

⁷⁶ Idem.

editoriais que destacavam a campanha eleitoral, como estes: “multiplicam-se os núcleos integralistas e cresce em todo o país a onda de *sympatia* em torno da candidatura de Plínio Salgado”; “cresce extraordinariamente a força eleitoral do Sigma” e ainda “A A.I.B. obtêm estrondosa *Victoria* no Superior Tribunal Eleitoral, que reconhece a sua constitucionalidade”.⁷⁷ Os três informes possuem a intenção de destacar o crescimento da campanha eleitoral integralista, demonstrar que a campanha está obtendo resultados e que está conseguindo mobilizar muita gente, e porque isso? Acredito que este discurso, além de demonstrar a força do movimento pura e simplesmente, serve também para motivar aqueles que estavam em dúvida quanto a participar efetivamente do processo eleitoral, mobilizar seus eleitores. O terceiro informe, por exemplo, fala sobre o reconhecimento da legalidade da candidatura da AIB, mais uma maneira de mostrar aos eleitores que estava tudo certo e correndo bem com o Partido.

Além disso, há também alguns recortes ao longo da revista nos quais aparecem claramente o pedido de voto para Plínio Salgado, ou seja, o impresso havia de fato se tornado lugar da campanha eleitoral, como é possível observar nesses exemplos: “Para presidente da República: Plínio Salgado”, este aparece duas vezes, e ainda “Por Deus, pela Pátria, pela Família: Votai em Plínio Salgado”.⁷⁸ Estes recortes, além de evidenciarem a utilização da imprensa na campanha eleitoral deixam claro, principalmente no caso deste último, quais aspectos da ideologia eram explorados. “Por Deus”, ou seja, pelos princípios e pela moral cristã. “Pela Pátria”, o nacionalismo, aspecto central do movimento. E “Pela Família”, novamente o apelo aos aspectos de uma moral cristã. No entanto, além do apelo a todos estes aspectos de sua ideologia. Há também que se levar em conta o alerta nas entrelinhas, uma espécie de “vote em nós e nos ajude a vencer o Comunismo”, caracterizado como ateu, apátrida, amoral e individualista, ou seja, algo que punha em risco tudo aquilo que “os brasileiros” mais prezavam.

Havia alguns informes ao longo da revista que eram também sobre as eleições, mas mencionavam alguns aspectos diferentes, como por exemplo, este que conclama os integralistas a retirarem o seu título eleitoral, pois esta era naquele momento a sua arma na luta contra o comunismo. “O camisa-verde sem o seu título eleitoral é um soldado desarmado”.⁷⁹ Dessa forma, vemos novamente a vontade do

⁷⁷ REVISTA Anaue, Rio de Janeiro, outubro de 1937. Nº20.

⁷⁸ Idem

⁷⁹ Idem

partido em angariar votos e, para tal, naquele momento era necessário utilizar esta estratégia para mobilizar seus adeptos à eleição. Outro recorte que demonstra a campanha eleitoral, focando na questão da luta anticomunista é este: “O integralismo não alicia machinas humanas de votar, mas, pela pregação de uma doutrina nítida, torna o voto consciente e livre”.⁸⁰

Aqui se faz uma interessante comparação entre a maneira de arregimentação de eleitores. Os integralistas propagandeavam não estar sendo autoritários na sua forma de mobilizar seus adeptos, como podemos ver, defendiam estar apenas pregando sua doutrina e assim possibilitando aos eleitores uma escolha consciente e livre. Quando eles falam em “machinas humanas de votar”, estão claramente fazendo menção a uma possível maneira autoritária ou alienante de seus concorrentes mobilizarem seus eleitores, por isso a ênfase na possibilidade de voto consciente e livre na AIB.

Outro artigo que nos mostra as várias estratégias integralistas para angariar votos é a reportagem em anexo, no qual o apelo é para a ideologia e doutrina do movimento. O aspecto escolhido foi o anticomunismo. Assim, a reportagem ao tratar do tema, eleições pelo mundo, lembra aos integralistas que a sombra de seu maior inimigo está mais viva do que nunca, inclusive no Brasil e dá a entender a importância de se votar a favor da AIB nas eleições. (Anexo III)⁸¹.

Na reportagem é lembrado o momento decisivo de eleições por todo o mundo as quais “estão sendo disputadas entre os comunistas e os nacionalistas”. Depois o cronista refere-se ao Brasil, e insinua que os partidos liberais em decadência estão sendo guiados ou influenciados pelo “Komintern”. Esta foi uma estratégia utilizada para desqualificar todos seus concorrentes nas eleições, afinal de contas a AIB não estava concorrendo contra os comunistas, pois é preciso lembrar que o PCB estava na ilegalidade. Portanto, estabelecer uma relação entre todos os seus concorrentes e o comunismo parecia ser uma boa tática.

Como temos visto, a imprensa integralista tornou-se, durante o ano de 1937, um forte espaço de campanha eleitoral da AIB, devido a diversos fatores, já comentados. Dentre os aspectos mais explorados pela AIB durante este momento destaca-se o anticomunismo. Os jornais e a revista *Anauê* publicaram diversas reportagens sobre o “problema” comunista, sempre alertando para suas ações e seu

⁸⁰ REVISTA *Anauê*, Rio de Janeiro, outubro de 1937. Nº20.

⁸¹ *Idem*

crescimento. Nesta última reportagem apresentada observa-se a preocupação do movimento com o espectro comunista. Analisando, a partir de uma perspectiva global, a situação das eleições, a reportagem mostra o “problema” para o Brasil e pede atenção redobrada com a questão por parte dos integralistas. Neste caso, uma das maneiras de fazer frente à questão é votar nos candidatos Integralistas.

Há duas grandes reportagens nesta revista, de caráter anticomunista, uma na qual são lembrados os vitimados na chamada “novembrada trágica”, em menção aos integralistas mortos em combate durante o levante comunista de 1935 e a principal delas, que chama a atenção do leitor por estar no centro da revista, ser uma reportagem de destaque com imagens, fotos e textos dramáticos, que martirizam os envolvidos, é a reportagem que relembra a “Batalha da Praça da Sé de 1934”. (Anexo IV) ⁸²

Esta reportagem tem a intenção de lembrar o acontecido no dia 07 de outubro de 1934. Nela, estão contidos vários elementos já discutidos sobre a visão integralista do ocorrido. O texto fala de uma “inominável covardia bolchevista”, o termo covardia pode ser discutido, pois como vimos os integralistas já tinham noção que algo ocorreria naquele dia, com relação aos “bolchevistas”, é aqui que aparece mais uma vez a nomeação de seu maior inimigo, os comunistas, apesar de também, como já vimos, ser algo que pode ser questionado, visto que haviam vários grupos de esquerda presente, e não apenas membros do Partido Comunista. No texto também fica clara a intenção de martirizar os integralistas envolvidos, principalmente os que morreram. Porém, o tom que a reportagem dá ao martírio é no sentido de sofrimento por uma causa justa, a “luta contra Moscou”. As fotos utilizadas nesta reportagem não têm objetivo diferente senão o de aumentar a dramaticidade dos fatos e lembrar o verdadeiro martírio e sacrifício feito por seus companheiros que lá estavam. Ao menos três delas demonstram o pânico, o sofrimento e a covardia do “ataque comunista”. Todavia, a honra, o companheirismo e o heroísmo, em defesa de seus companheiros e ideais são também evidentes, principalmente na imagem abaixo que mostra o integralista sendo socorrido.

⁸² REVISTA Anaue, Rio de Janeiro, outubro de 1937. Nº20.



Um dos "camisas-verdes" atingidos pelas balas communistas

As duas fotos que mostram o desespero do momento do ataque e a suposta "covardia comunista", servem para enfatizar esse aspecto. Observa-se esta intenção quando a legenda ainda diz que "quando mais intensa era a fuzilaria que partia dos arranha-céus". E também serve para enfatizar, como já dito, o martírio dos integralistas que foram "intocaiados", como nos mostram as duas fotos a seguir, de integralistas correndo e sendo alvejados por "balas communistas".



Quando mais intensa era a fuzilaria que partia dos "arranha-céus"



É interessante notar também mais dois aspectos. A presença da força policial, que comprova a versão do jornal *Folha da Manhã*, e também a presença de uma milícia integralista, o que, além de comprovar a versão de que eles sabiam que algo poderia acontecer, demonstra a força do movimento, pois, de fato, eles estavam fortemente armados.

Dessa forma, o uso deste acontecimento contribuiu para a ascensão do Integralismo, este é o objetivo da reportagem, lembrar aos integralistas o ocorrido e como, desde então, segundo os próprios Integralistas, começou uma ascensão do movimento a partir deste objetivo em comum, a “luta contra Moscou”. “o infausto acontecimento provou também que se levantará uma outra força poderosa, com ânimo bastante, não só para irritar e descobrir como para esmagar definitivamente a hydra moscovita”.

Após discorrer breve e dramaticamente sobre a ascensão e coesão do movimento em torno desta causa, a reportagem chega ao seu objetivo final que é dizer aos integralistas, “avolumou-se rapidamente o movimento integralista... vencendo os obstáculos e caminhando incoercivelmente para a Victória que está hoje mais perto do que pensam nossos adversários.” Qual vitória seria esta? Sem dúvida a vitória a qual eles se referem é a chegada ao poder da Ação Integralista Brasileira. E como isto seria possível? Naquele momento as eleições pareciam ser o melhor caminho, pois a AIB, segundo Marcos Chor Maio e Rooney Cytrynowicz; “nas eleições de 1938, para eleger o candidato do partido às eleições presidenciais, participaram quase 850 mil integralistas, cerca de 500 mil eleitores habilitados,

sendo que o eleitorado do país era de cerca de três milhões de votantes”.⁸³ Ou seja, a força política da AIB era de fato muito grande, por isso todo este esforço em mobilizar seus integrantes para as eleições, pois a chance de vitória era real.

Porque então a utilização desta batalha como um emblema anticomunista naquele momento? A própria reportagem responde. Além de tudo o que já foi dito, eles enfatizavam que “recordando o heroísmo dos que sellaram com o sangue a sua fé integralista, reafirmamos o propósito de levar a cabo, embora com sacrifício, a gloriosa tarefa de salvar o Brasil, fazendo d'elle um Grande Império Christão!”. Ou seja, a intenção parece ser mesmo a de explorar a idéia dos mártires que morreram defendendo o movimento na luta contra seu principal inimigo, com o intuito de levar a cabo agora a campanha integralista e por em prática seu projeto de nação para o Brasil. Em meio a isso tudo havia a expectativa de uma eleição presidencial e me parece clara a intenção desta reportagem com relação ao pleito que se aproximava.

O interessante é que não era tão comum a revista Anauê lembrar este fato, afinal de contas mesmo tendo construído uma imagem heróica sobre o acontecimento, ocorre que naquele dia houve um verdadeiro massacre Integralista, ou seja, uma grande derrota contra seu maior inimigo. Era muito mais importante lembrar à comunidade o aniversário do Manifesto Integralista, a data mais importante do calendário do movimento comemorada neste mesmo dia. Todavia, naquele momento, o recurso ao anticomunismo, como temos visto, parece ter sido a melhor alternativa em busca da mobilização para as eleições que se avizinhavam, mas, porque o anticomunismo?

Assim que me deparei com essas fontes e percebi a grande quantidade de reportagens de caráter anticomunista neste período, me questionei sobre o que levaria os integralistas a apostarem tão alto no anticomunismo como o maior e melhor meio de mobilizar seus adeptos? Foi então que, analisando a tese do historiador Hégio Trindade notei que, em determinado momento de sua análise, na qual entrevista ex-integrantes do movimento integralista, abordando vários temas sobre o integralismo e suas propostas, ele chega a alguns resultados que ajudam a explicar este problema.

Em primeiro lugar, é importante destacar uma constatação, a de que a base dos integrantes do movimento se origina nas classes médias urbanas, o que não significa que não havia membros de outras classes. Ao falar sobre a origem dos

⁸³ MAIO, M. C. & CYTRYNOWICZ Op. Cit., p. 43.

militantes da AIB, Trindade prefere dividir o resultado de sua pesquisa, isso quer dizer que ele analisa a origem social dos dirigentes nacionais e regionais do integralismo e posteriormente faz uma análise sobre os dirigentes locais e militantes em geral. Com relação aos dirigentes nacionais e regionais ele diz:

Seu recrutamento se faz predominantemente entre as categorias sócio-profissionais representativas das classes médias urbanas em ascensão nesta época. Em primeiro lugar, porque na década de 1930 o grupo preponderante é formado pela média burguesia dos profissionais liberais, em grande parte radicalizada ideologicamente para a direita.⁸⁴

E ainda completa: “A aglutinação dos dados sobre a origem social do conjunto dos dirigentes no plano nacional e regional confirma a hegemonia da média burguesia intelectual urbana: a maioria absoluta dos dirigentes faz parte das profissões liberais (57,1%)”.⁸⁵

Com relação aos dirigentes locais e militantes em geral do movimento ele diz:

A média burguesia transforma-se no núcleo mais amplo dos militantes locais: os profissionais liberais se limitam a menos de um quarto do total, o número de oficiais das forças armadas é reduzido e os representantes da burguesia desaparecem. Neste nível, o grupo majoritário é a pequena burguesia formada pelos burocratas dos setores público e privado, que representa cerca de 40% do conjunto dos dirigentes locais, ainda que as camadas populares (operários de indústrias, trabalhadores agrícolas e independentes) constituam quase um quarto da base do movimento.⁸⁶

E completa: “A maioria, pois, dos Integralistas locais é composta da pequena burguesia urbana e rural com um terço de Integralistas oriundos das camadas populares”.⁸⁷

Após esta análise ele conclui que:

Ao nível da direção nacional e regional é a classe média superior (profissionais liberais e oficiais) que controla o aparelho do partido. Quanto aos dirigentes e militantes locais, sua base está constituída de duas categorias sociais: a maioria dos aderentes provém da classe média inferior (pequenos proprietários, empregados e funcionários) com uma relativa afluência das camadas populares, constituídas por trabalhadores (a maioria em pequenas e médias indústrias), de agricultores ou trabalhadores rurais (em geral de zonas de pequenas propriedades) e de alguns artesãos.⁸⁸

⁸⁴ TRINDADE, Op. Cit., p. 131.

⁸⁵ TRINDADE, Idem, p. 134.

⁸⁶ TRINDADE, Hélgio. Integralismo. O Fascismo Brasileiro na década de 30. São Paulo/ Rio de Janeiro, DIFEL, 1979. p. 135.

⁸⁷ Idem, p. 136.

⁸⁸ Ibid, p. 136-137.

Sendo assim, há uma “constatação de que na base social da A.I.B., como na dos movimentos fascistas europeus, as classes médias predominam com uma participação popular não desprezível”.⁸⁹

Em segundo lugar, Trindade também pretende, a fim de constatar qual é a natureza do movimento, descobrir as principais motivações de adesão ao integralismo. Após reunir os dados ele constatou que: “A motivação principal que ocasionou a adesão de cerca de dois terços dos integralistas é o *anticomunismo*”.⁹⁰

E o que isso significa? Significa que o anticomunismo, como visto no primeiro Capítulo, era muito presente na mentalidade do período, tanto na alta burguesia, como também na classe média urbana. Existia uma paranóia anticomunista no Brasil em meados da década de 1930, como vimos, reforçada por toda uma conjuntura internacional e nacional, que culminou com a Lei de Segurança Nacional e serviu inclusive de justificativa posterior ao golpe do Estado Novo, em 1937, e é na classe média que este temor fica mais evidenciado. Não é a toa que a base dos militantes do integralismo é originária das classes médias urbanas, basta lembrar que os movimentos Fascistas surgiram como resposta à crise do sistema liberal em oposição à “ameaça comunista”.

Ou seja, depois de realizar esta pesquisa pode-se entender o porquê da grande utilização de material anticomunista neste momento tão crucial para o Integralismo no Brasil, o público ao qual eles queriam mobilizar para as eleições respondia muito positivamente a estes estímulos, visto que eles faziam parte da sua maneira de enxergar o mundo, o anticomunismo permeava seu conjunto de idéias.

⁸⁹ Ibid, p. 140.

⁹⁰ Ibid, p. 152.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção deste trabalho sempre partiu da idéia central de explorar as fontes adquiridas, *Jornal Acção* e *Revista Anauê*, focando em um dos principais aspectos da ideologia integralista, que é o anticomunismo. Ao analisar as fontes diretamente, observou-se a quantidade de maneiras e pelas quais os integralistas utilizaram o discurso anticomunista, por isso optou-se por desenvolver uma análise mais extensa sobre uma destas formas: a emblemática Batalha da Praça da Sé, de 1934. Dessa maneira, o estudo teve alguns momentos aparentemente distintos, porém inseparáveis, nos quais as somas de suas informações servem para, no final, chegarmos à melhor resposta possível para a questão posta.

A questão proposta logo na introdução foi: como os integralistas se apropriaram do confronto ocorrido em 1934, no momento em que estavam envolvidos na campanha eleitoral de 1938? Dessa maneira, buscou-se entender quais os motivos da ênfase anticomunista, naquele momento.

Para chegar a tal resposta partimos de uma breve revisão bibliográfica acerca do tema, Ação Integralista Brasileira. Dessa forma, foi traçada a estrutura ideológica do movimento, a fim de compreendê-lo e entender onde em sua ideologia se encaixava o anticomunismo, observou-se que, a AIB, enquanto movimento de caráter Fascista, partindo, portanto, da extrema direita nacionalista do período, via no Comunismo o seu maior inimigo, eram a antítese um do outro. Assim, este primeiro momento serviu para identificar o tema que estava sendo discutido.

Em seguida se iniciou um novo momento, no qual foi apresentado o contexto histórico do tema e do período pesquisado. Nesta etapa, a intenção foi deixar claro para o leitor o processo e o contexto de produção do discurso integralista em todos os âmbitos. Por isso foi necessário voltar ao final da Primeira Grande Guerra e mostrar o contexto mundial no período entre guerras e o porquê do surgimento do pensamento autoritário e totalitário de direita, a fim de contextualizar o nascimento do integralismo comparando-o, no âmbito internacional, com os fascismos europeus e estabelecer, como algumas de suas principais motivações, a crise do sistema Liberal e o avanço do Comunismo o que levou à necessidade de a direita desenvolver uma nova maneira de pensar o mundo a partir dos problemas que estavam postos.

Depois, precisou-se esclarecer o contexto brasileiro do período e inserir o país no âmbito da crise do sistema liberal e da crise política em geral, na qual surgia a necessidade de uma nova visão política que resolvesse os problemas que estavam postos. Naquele contexto, surgiu o movimento modernista e o nacionalismo brasileiro veio à tona. É aqui que se começa a pensar um projeto de nação para o país, a AIB pretende ser um destes projetos, englobando não apenas as características nacionais, influência do nacionalismo do movimento modernista é muito forte, mas também englobava características de projetos políticos da direita internacional, o Fascismo Italiano no caso. Um dos objetivos deste Capítulo foi mostrar que o Brasil estava inserido muito fortemente no contexto internacional, a crise política e econômica também fez com que no Brasil a extrema direita e a

extrema esquerda ganhassem força e isso provocou uma polarização radical dos debates políticos ao longo da década de 1930.

Esse contexto não impediu que no Brasil chegasse ao poder mais um dos vários líderes carismáticos, autoritários e populares que estavam tomando o poder no mundo naquele momento. Por fim, uma breve contextualização do ano de 1937 e o momento conturbado e tenso no qual se inseriu a campanha para o sufrágio que ocorreria em 1938. Aqui o que se buscou foi tentar mostrar as disputas ideológicas pelo poder e ainda o quão crucial era aquele momento para o futuro do movimento integralista, pois a possibilidade de vitória nas eleições era real.

Assim, a primeira parte do trabalho serviu para mostrar ao leitor o tema da pesquisa e suas principais características, e ainda como os contextos internacionais e nacionais influenciaram em sua formação e posterior atuação política. O Integralismo enquanto movimento reacionário de influência Fascista da extrema direita brasileira, com sua retórica autoritária, nacionalista, baseada num moralismo cristão. Teve seu desenvolvimento no Brasil devido a fatores que se originaram no final da Primeira Guerra Mundial, principalmente a crise do sistema liberal, que afetou o sistema político em vigência, no momento, em quase todo o mundo. O integralismo é também fruto da luta contra o comunismo, no sentido de ser um movimento reacionário da direita estando, portanto, o anticomunismo em suas veias.

Dessa maneira, a segunda parte desse trabalho pretendeu explicar, a partir da análise das fontes, onde se encaixa o uso político do anticomunismo na imprensa integralista. Para isso se partiu de um entendimento da função e importância da imprensa, enquanto principal meio de comunicação entre os integralistas, e ainda como o principal meio de ideologização de seus adeptos. Assim, a partir do momento em que o Integralismo se transformou em partido político e passou a se preparar para concorrer nas eleições que normalmente ocorreriam em 1938, nota-se uma forte utilização da imprensa como material de campanha eleitoral.

Visto que, naquele momento, havia a possibilidade de vitória da AIB, a direção do partido passou a mobilizar seus adeptos para as eleições, nesse sentido a grande utilização da imprensa e em meio a isto se encontra uma forte presença do discurso anticomunista neste material. Exatamente naquele momento, afirma-se presença da emblemática Batalha da Praça da Sé, em 1934. Dessa forma parte a pergunta deste estudo, qual a intenção das lideranças integralistas em tanto se utilizar do discurso anticomunista naquele momento?

É aqui novamente que o contexto volta a fazer sentido, pois se vivia em meio a um clima internacional de disputa por espaço entre os comunistas e a direita em geral. No Brasil, esse clima chegou, transformando-se em uma luta de fato, como na Batalha da Praça da Sé e foi levado ao extremo, basta lembrar que houve uma tentativa de golpe de estado, pelos comunistas, em 1935 e a partir daí o governo fechou o cerco contra esse grupo e as disputas se acirram, criando-se uma aparente histeria anticomunista na sociedade, que culmina inclusive com a criação da Lei de Segurança Nacional, em 1935, e que no final de tudo seria utilizada para justificar o golpe do Estado Novo, em 1937.

Portanto, ao me deparar com pesquisas que revelam que a base dos integrantes do movimento integralista pertencia às classes médias urbanas e que a principal motivação de adesão ao movimento era o anticomunismo e somando isso ao contexto histórico do período, tornou-se possível entender o porquê da grande utilização do discurso anticomunista naquele momento, já que este era a melhor maneira de mobilizar os adeptos integralistas para lutar por seus ideais nas eleições, pois o anticomunismo, por diversos meios e caminhos, estava presente na visão de mundo de grande parte daquelas pessoas, para quem o comunismo era algo que ia contra todos os seus princípios.

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

- FOLHA da Manhã. São Paulo, outubro de 1934, Segunda Seção.
- FOLHA da Noite. São Paulo, outubro de 1934.
- JORNAL Acção, Sigma-jornaes-reunidos. São Paulo, n.1, outubro de 1936.
- JORNAL Acção, Sigma-jornaes-reunidos. São Paulo, n. 300, outubro de 1937.
- JORNAL Acção, Sigma-jornaes-reunidos. São Paulo, n. 376, janeiro de 1938.
- REVISTA Anauê, Rio de Janeiro, n. 20, outubro de 1937.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDR, H. **A condição humana**. Trad. Roberto Raposo. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- BALANDIER, G. **O poder em cena**. Trad. Luiz Tupy Caldas de Moura. Brasília: Ed. UnB, 1982 (Coleção Pensamento Político).
- BERTONHA, João Fabio. **Fascismo, Nazismo, Integralismo**. São Paulo, SP: Editora Ática. 2006.
- _____. **Sobre a Direita. Estudos sobre o Fascismo, o nazismo e o integralismo**. Maringá, Eduem, 2008.
- CASTRO, Ricardo. A Frente Única Antifascista (FUA) e o antifascismo no Brasil (1933-1934). **Topoi**, Rio de Janeiro. UFRJ, n.5, p. 354-388, 2002.
- CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. **Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- CHARTIER, Roger. O mundo como Representação. In: **Estudos Avançados**, USP, São Paulo, 11 (5): p. 173-191, 1991.
- _____. Textos, impressos, leituras. In: **A História Cultural- entre praticas e representações**, p. 121-139.
- _____. Do livro à leitura. In: CHARTIER, Roger. **Práticas de Leitura**. Tradução: Cristiane Nascimento. São Paulo. Estação Liberdade, 1996.
- CHASIN, J. **O Integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hipertardio**, São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

CHAUÍ, M Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira, In: CHAUÍ, M & FRANCO, M. S. C. **Ideologia e mobilização popular**, Rio de Janeiro: CEDEC/Paz e Terra, 1978.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia?** São Paulo: Abril Cultural\Brasiliense, 1984.

D'ARAUJO, Maria Celina. **A Era Vargas**. São Paulo. Moderna, 1997.

FERREIRA, Marieta de Moraes e PINTO, Surama Conde Sá. *A crise dos anos 1920 e a Revolução de 1930*. In: FERREIRA, Jorge e Delgado Lucília. **O Brasil Republicano**. Volume I. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, s.d.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos extremos. O breve século XX - 1914-1991**. São Paulo, Companhia das Letras. 1995.

PANDOLFI, Dulce Chaves. *Os anos 1930: As incertezas do regime*. In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucilia de Almeida N. (Orgs.). **O Brasil republicano 2: O tempo do Nacional-estatismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

MAIO, M. C. & CYTRYNOWICZ R Ação integralista brasileira: um movimento fascista no Brasil, In: FERREIRA, J & DELGADO, L. de A. N. (org.) **O Brasil republicano – o tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SERRATO, Edgar Bruno Franke. Estudos sobre o Integralismo e seus momentos. Associação Nacional de História – ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – 2007.

SILVA, S. Rogério. A Política como espetáculo: a reinvenção da história brasileira e a consolidação dos discursos e das imagens integralistas na revista Anauê. **Revista Brasileira de História**, N. 50, VOL, 25. Outubro de 2005.

TRINDADE, Hégio. **Integralismo. O Fascismo Brasileiro na década de 30**. São Paulo/ Rio de Janeiro, DIFEL, 1979.

_____. Integralismo: teoria e práxis política nos anos 30, In: FAUSTO, B. (org.) **História Geral da Civilização Brasileira - O Brasil republicano: sociedade e política (1930-1964)**, 6. ed., Rio de Janeiro: Bertrand, 1996.

VACONCELLOS, G. **A ideologia curupira: análise do discurso integralista**, São Paulo: Brasiliense, 1977.

ANEXO

Anexo I

A sucessão presidencial e o problema religioso

Francisco Augusto de La Rocque

Para os brasileiros que sabem colocar acima das paixões partidárias os seus ideais religiosos, para aqueles que antes de mais nada são catholicos, como felizmente ainda ha muitos no Brasil, o que mais deve interessar, no caso da sucessão presidencial, é saber de que lado estão as garantias de liberdade religiosa da soberania da Igreja e do respeito e acatamento ás suas leis. Queiram ou não queiram os politicos profissionais, o caso da sucessão presidencial suscita, este aspecto religioso, pois a elle estão ligados interesses vitaes da religião da quasi totalidade dos brasileiros.

O eleitor catholico tem o dever de ser mais consciente do que qualquer outro.

"O voto catholico" — como já disse muito bem Tristão de Athayde, o grande chefe da Acção Catholica Brasileira no Rio de Janeiro — "não deve obedecer a um criterio de sympathia ou de julzo proprio e sim de consciencia".

Assim sendo, não andará certo o catholico que votar em José Americo, em Armando de Salles Oliveira ou em Plinio Salgado por uma mera questão de sympathia, cumpre antes de tudo examinar desapassionadamente qual delles será capaz de defender melhor a Família Brasileira e a sua religião, tão ameaçadas pelas investidas do communismo atheu.

Como nenhum catholico ignora o Komintern mandou que os extremistas se infiltrassem nas correntes que apoiam os senhores José Americo de Almeida e Armando de Salles Oliveira, e que combatassem o Integralismo.

Os candidatos liberaes sabem muito bem disso, mas preferem não tomar nenhuma attitudo contra os elementos communistas que adheriram abertamente ás suas campanhas, porque esses elementos lhe são uteis nas empreitadas partidárias.

O que é que adeanta o sr José Americo de Almeida, que se tem em conta de catholico, dizer que imporá a ordem sem "o ideal coberto de sangue do communismo sombrio como um rolo compressor", assim como chamar o communismo de "disciplina dos infernos", e de que serve o sr. Armando de Salles Oliveira dizer que rende a sua homenagem á Igreja Catholica, em cujos preceitos declara se ter educado, á qual se diz fiel, se ambos conscientemente, com pleno conhecimento da situação que atravessamos, collocam os seus interesses particulares acima dos in-

teresses da religião e não tomam nenhuma attitudo contra os inimigos da Igreja de Jesus Christo, que se acham tão habilmente tramando contra essa mesma Igreja, dentro de seus partidos politicos?

Emquanto isso, o Integralismo, que nasceu da acção intellectual de Plinio Salgado, combate abertamente todos os communistas não lhes dando trégua; e, é por isso mesmo, o unico partido politico visado pelas balas dos adeptos de Stalin.

Tristão Athayde, — o chefe exemplar da Acção Catholica Brasileira do Rio de Janeiro, "homem recto e bem intencionado" — no dizer de Plinio Salgado, homem que se tem dedicado de corpo e alma aos interesses da Igreja no Brasil, interesse que nós catholicos devemos collocar muito acima de quaisquer outros, é o primeiro a reconhecer que, emquanto o Integralismo combater o communismo, as outras duas correntes que disputam o poder aceitam a collaboração dos communistas, quando diz: "A campanha anti-communista do Integralismo é altamente sadia e merece em seus principios e em muitas realizações, todo o apoio dos catholicos, como ha poucos dias o lembrava uma nota official do arcebispo de Fortaleza. E' de todo modo desejavel que os dois outros grandes movimentos que completam no momento o scenario politico brasileiro e presididos por dois grandes homens de bem com tantos bons elementos em seu seio, — recusem a collaboração tendenciosa desses elementos, que deveriam constituir o "quarto" partido e que, por falta intencional de arremgimentação politica, receberam ordem de se

distribuir pelos partidos anti-integralistas".

Mas os candidatos liberaes não estão dispostos a satisfazer o desejo dos catholicos, tão bem assinalado pelo eminente chefe de falcate, isto é, não estão dispostos a "recusar a collaboração tendenciosa desses elementos que receberam ordem de se distribuir pelos partidos anti-integralistas".

E porque será que os srs. José Americo de Almeida e Armando de Salles Oliveira, que se dizem catholicos, não tomem a attitudo apontada como "desejavel", por aquelle que é hoje a maior autoridade catholica entre os leigos, na capital da Republica? E' claro que para isso só pode haver uma explicação: os candidatos da liberal-democracia collocam acima dos interesses da Igreja, os seus interesses particulares. Preferem não recusar a collaboração dos "leaders" communistas, porque sabem que esses "leaders" trarão para elles todo o eleitorado comunista.

Amanhã, se subir ao poder o sr José Americo ou o sr. Armando de Salles, principalmente o primeiro, os "leaders" communistas que os auxiliam na campanha eleitoral, fantasiados de democratas, terão de ser com certeza recompensados, indo occupar naturalmente ministerios e outros postos na administração. Montados, assim, na direcção dos poderes publicos, esses communistas, darão da noite para o dia, um golpe como o de 27 de novembro, que talvez não possa mais ser reprimido. E, nesta occasião, o que poderá fazer o sr José Americo ou o sr. Armando de Salles? Naturalmente nada. Se não concordarem, serão fuzilados

imediatamente. É o processo ha muito tempo adoptado na Rússia.

Como poderão, pois, os catholicos conscientes esperar que apoiando os srs. José Americo ou Armando de Salles conseguirão neutralizar a acção dos "leaders" communistas que apoiam essa candidatura?

De facto, essa posição será muito arriscada; principalmente porque os chefes das duas correntes liberaes são os primeiros a não nos merecer confiança visto não quererem recusar a collaboração dos "leaders" communistas.

E' preciso notar que o sr. José Americo de Almeida ainda é mais perigoso do que o sr. Armando de Salles Oliveira, porque, além de não recusar a collaboração dos communistas elle tem dado á sua campanha eleitoral uma feição visivelmente esquerdista, declarando mesmo que o seu coração bate do lado "esquerdo" e outras coisas parecidas. Tanto isso é verdade que a maioria dos "leaders" communistas estão com o candidato majoritario, e que a sua propaganda é feita até pela Radio Moscou.

Por tudo isso, penso que o momento está exigindo dos catholicos o apoio á candidatura de Plinio Salgado. E depois das opiniões favoraveis ao Integralismo expenridas por tantos bispos de nossa terra, que são legitimos successores dos apóstolos, esse apoio deve ser dado sem o minimo constrangimento.

Não sómente os Integralistas, mas todos os espiritalistas devem se congregar em torno da bandeira destráldada por Plinio Salgado, que é a bandeira de combate ao communismo atheu; a bandeira que defende os principios sagrados da civilização christã: Deus, Patria e Família. E' chegada portanto, a hora de formarmos a "cruzada contra os sem Deus", tão aconselhada pelo grande Papa Pio XI, gloriosamente reinante, que appella para todos aquelles que tenham conservado ou renovado em sua intelligencia e em seu coração o Deus vivo da Revelação Christã.

Catholicos do Brasil, meus irmãos em Jesus Christo, sejamos ante de mais nada catholicos conscientes, e diante das necessidades do momento, congreguemo-nos em torno da candidatura de Plinio Salgado e não permitamos que seja substituido o "amae-vos uns aos outros" do doce Nazareno, pelo Evangelho sangrento dos Salmos.

PEDRAS PRECIOSAS DO BRASIL

Compra e venda de diamantes em bruto, brilhantes, pedras preciosas, joias, cautelas, minerios. Troca e reforma de joias. Especialidade em Aguas Marinhas do Brasil — Lapida-se qualquer pedra.

JOSÉ CAVALCANTI RIBEIRO
Rua Libero Badaró, 561 (antigo 14) — 2.ª sobreloja
— Sala 18 — Telephone 2-1621

Anexo II

tribuidos na secretaria do Centro, todas as noites, das 20 ás 23 horas, e aos domingos, das 18 ás 23 horas, (durante suas reuniões domingueiras).

No meo de novembro, o Royal irá a Santos com uma enorme comitiva, e fará realizar na praia José Menino, um pic-nic monstro, abrilhantado por 2 bandas de musica e jazz-orchestra. Estão sendo prestadas as informações na secretaria do Royal em sua nova sede á rua Lopes Chaves, 229. A comitiva royalina seguirá em trem especial, e, em Santos haverá bondes especiaes que transportarão os componentes, aos locais do pic-nic. Já alugados para este fim.

BOLETIM ELEITORAL**RELAÇÃO DOS CIDADÃOS QUE DEVERÃO COMPARECER À JEPCE PARA PREENCHEREM OS REQUERIMENTOS PARA QUALIFICAÇÃO ELEITORAL.**

Deverão comparecer ao Posto Central de Alistamento da JEPCE, á rua Onze de Agosto 64, 5.º andar, salas 26-27, affim de preencherem os seus requerimentos para qualificação eleitoral, as seguintes pessoas:

Augusto Nunes Santo Sé, Antonio Zeglio, Antonieta Salerno, Alcides Costa, Alceu Antonio Campos,

Amelia Oliveira Barros, Alvaro Alves Barreto, Antonio José Fernandes, Annibal Lello Sabbatino, Amadeu Sabbatino, Armando Marino, Amelio Zanolla, Albino Devito, Anna Telles Izzo, Antonio Barone, Angelo Rego, Alberto Santos Moura, Benedicto Cabo, Benedicto Alves Abreu, Benedicto Bueno da Silveira, Conceição Maria Barreto, Cecilia Peter, David Constantino, Egiro Paulino Lanza, Elidio Bernardino Costa, Elena de Oliveira, Ernesto de Castro Queiroz, Emilio Grossi, Fulvio Luigi Franceschini, Francisco Antunes Jr., Fortunato Incau, Fatima di Vicenza, Faralides de Moraes, Gabriel Bessornio, Helena Hambelli, Hermantina Macedo, Hortencia de Martini Marques, Humberto Crivelli, Helena Brunhilde Deutch, Hilda Correia de Paiva Azevedo, Henrique Hatge, José Paschoa, José Domingos de Andrade, Justa Domingos de Andrade, José Gualtieri, Joaquim Manoel Couto, Joaquim Vicente de Andrade, Jovelina Marques de Souza, José

MANIFESTO-PROGRAMMA

Todos os brasileiros que desejarem conhecer a plataforma com que o Integralismo se apresenta ás eleições presidenciaes, poderão escrever a Paulo Lomba Ferraz, Rua do Carmo 43, 1.º andar, que lhes será enviado, gratuitamente, pela Secretaria Nacional de Propaganda um exemplar do Manifesto Programma.

COMICIOS PRÓ CANDIDATURA PLINIO SALGADO

A Secretaria Provincial de Propaganda designou a realização dos seguintes comícios:

S. BERNARDO — Dia 3 — Drs. José Cyrillo, Vereador e Procurador Provincial, e Dr. Lima Netto.

GUARULHOS — Dia 3 — Drs. Alpinolo Lopes Casali e Lima Netto.

TAQUARITINGA E ADJACENCIAS — Dias 9, 10, 11 e 12 — Dr. F. G. da Silva Prado, Chefe do Gabinete da Chefia Provincial.

CASA BRANCA, MOCÓCA, VARGEM GRANDE E PASSOS (Minas Geraes) — Dias 9, 10, 11 e 12 de Outubro — Dr. Paulo Paulista, da Camara dos Quatrocentos e Dr. Sebastião Portugal Gouvêa, da Junta Eleitoral Archi-Provincial.

GARÇA, DUARTINA, GALLIA, MARILIA E VERA CRUZ — Dias 9, 10, 11 e 12 de Outubro — Dr. Lima Netto.

S. SIMÃO, SANTA ROSA, CAJURU', BÊNTO QUIRINO, CRAVINHOS, SERRA AZUL — Dias 9, 10, 11 e 12 — Dr. João C. Fairbanks, Secr. Prov. Estudos e Dep. Estadual.

GUARA', S. JOAQUIM E IGARAPAVA — Dias 9, 10, 11 e 12 de Outubro — Dr. Ferdinando de Martino Filho.

BAEPENDY, CAXAMBU' E CONCEIÇÃO DO RIO VERDE — Dias 10, 11 e 12 — Dr. Carlos Crisci, da Camara dos Quatrocentos.

SANTA ERNESTINA, S. LOURENÇO DO TURVO E JUREMA — Dias 16 e 17 — Dr. Lima Netto.

MUNDO NOVO E IBIRA' — Dia 17 — Dr. João Carlos Fairbanks, Secr. Prov. de Estudos e Deputado Estadual.

Os governadores de Regiões devem estabelecer o itinerario de accordo com os Chefes Municipaes dos nucleos acionados, communicando-se urgentemente com a Secretaria Prov. de Propaganda, informando-a das providencias tomadas.

Secr. Prov. de Propaganda

(a.) José Ribeiro de Barros

Secretaria Provincial de Propaganda**NOVO MATERIAL E NOVOS PREÇOS**

A Secretaria Provincial de Propaganda fornecerá aos Nucleos Municipaes, mediante a remessa da importancia correspondente aos preços abaixo especificados, em cheque ou vale postal, a JOSÉ RIBEIRO DE BARROS, rua Pedro Lessa, 2, o seguinte material de propaganda:

"Manifesto-Programma" a	80 réis
"Manifesto de Outubro" a	80 réis
"Os Catholicos e o Integralismo" a	110 réis
(Porte de cada cento 2\$400)	
	Milheiro
"Folha Corrida"	13\$000
"Duas Opiniões"	13\$000
"O Drama da Lavoura"	13\$000

Anexo III

NOSSA CHRONICA

As eleições em todo o mundo estão sendo disputadas entre os communistas e os nacionalistas. Os partidos liberaes envelheceram tanto que ficaram feito os cegos do Ceará: só andam guiados por uma varinha puxada por um menino. E o "menino de cego" de todo este pessoal é o Komintern.

Menino vadio, perverso, levado da bréca que vae mettendo o pé em tudo que está na frente para dar passagem ao seu cego.

O cego da França se chamava Léon Brum. O cego da Hespanha se chamava Azaña. O cego da Belgica é aquele acacia-no Sr. Van Zeeland. O menino de cego foi dando pontapé em todo mundo, por toda parte. Escondendo traquinamente a urna para os Degrelle, os Gonzalez e os Nacionalistas do mundo inteiro, enfim, não poderem votar.

Ha quem busque, quem ache graça nas traquinadas do menino de cego... Mas, cuidado! E' bom não brincar com elle. Elle está no Brasil tambem. Porque o Brasil tambem tem o seu cego. E' cego mesmo. Mais cego do que os outros...

7 DE OUTUBRO

Passará a 7 de Outubro o 3.º anniversario da tragedia da Praça da Sé. Attestando irrefutavelmente tanto a existencia como a inominavel covardia dos bolchevistas até então encaipotados, o infausto acontecimento provou tambem que se levantára uma outra força poderosa, com animo bastante, não só para irritar e descobrir e o para esmagar definitivamente a hydra moscovita.

Tombaram os martyres do Sigma. Seu sangue, porém, fertilizou a terra brasileira. E pouco tempo depois um a floresta immensa de braços verdes se erguia por todo o territorio da patria numa possante afirmação

de vontade e fé. Avolumou-se rapidamente o Movimento Integralista. E num crescendo ininterrupto se foi assenhoreando dos corações e das intelligencias. Despertando os indifferentes. Animando os tibios. Vencendo os obstaculos. E caminhando incoercivelmente para a Victoria que está hoje mais perto do que pensam os nossos adversarios. Recordando o heroismo dos que sellaram com o sangue a sua fé integralista, e afirmamos o proposito de levar a cabo, embora com sacrificio, a gloriosa tarefa de salvar o Brasil fazendo d'elle um Grande Imperio Christão!



Um dos "camisas-verdes" atingidos pelas balas communistas



Quando mais intensa era a fuzilaria que partia dos "arranha-céus"



RECORDANDO
A
TRAGEDIA
DA
PRAÇA DA SE'

